

MICHAEL



SUMÁRIO

PREFÁCIO	4
A VIDA NOS PEDE CORAGEM	5
ORAÇÃO DE MICAEL.....	6
SOBRE A ÉPOCA DE SÃO MICAEL.....	7
O SIGNIFICADO DE MICAEL - GEORG DREIZIG	9
SÍMBOLOS DE SÃO MICAEL	10
O DRAGÃO DO NOSSO SÉCULO	10
OUTROS SÍMBOLOS.....	11
O HOMEM NOS RITMOS DO UNIVERSO	15
FORJANDO A ARMADURA	18
FESTEJANDO SÃO MICAEL COM AS CRIANÇAS	19
DESAFIOS DE MICAEL	23
HISTÓRIAS, CONTOS E VERSOS PARA ÉPOCA DE MICAEL.....	25
VERSOS E ORAÇÕES.....	26
HISTÓRIAS E CONTOS.....	28
JOÃO DE FERRO – CONTO DOS IRMÃOS GRIMM	28
A BOLA DE CRISTAL – CONTO DOS IRMÃOS GRIMM.....	32
A PRINCESA DO CASTELO EM CHAMAS – IRMÃOS GRIMM	34
MICAEL E AS CRIANÇAS-ESTRELAS - CORINNE BATZELL –	36
ONDE NENHUMA LUZ BRILHA - CONTO ANÔNIMO	37
A ESPADA DE LUZ - CHRISTIANE KUTIK – TRADUÇÃO KARIN E. STACH	38
AS BODAS DO FILHO DO REI - IRENE JOHANSON	40
SÃO JORGE E O DRAGÃO – LIVRO DAS VIRTUDES.....	42
MÚSICAS DE SÃO MICAEL PARA CANTAR COM AS CRIANÇAS.....	45
RECEITAS PARA COMEMORAR SÃO MICAEL	49
PÃO DE SÃO MICAEL DOCE	50
BOLO INTEGRAL DE MAÇÃ	51
BOLO DE AMEIXA	51
PUDIM DE IOGURTE COM FRUTAS VERMELHAS	52
MOLHO DE IOGURTE COM GERGELIM	53
ATIVIDADES PARA AS CRIANÇAS FAZEREM SOZINHAS.....	53
ILUSTRAÇÃO – CRIADA POR ISABELA MONTEIRO 8ª.....	54
JOGO DOS 7 ERROS - CRIADO POR ISABELA MONTEIRO 8ª.....	55
JOGO DOS SETE ERROS – CRIADO POR MARIA CLARA LOPES PRIETO 8ª	55
JOGO DOS SETE ERROS E PALAVRA CRUZADA – CRIADO POR VICTORIA ELIAS DOMIANO 8ª	57



PALAVRA CRUZADA – CRIADA POR MARIA CLARA LOPES PRIETO 8ª	58
CAÇA PALAVRAS – CRIADO POR ISABELA MONTEIRO 8ª	59
CAÇA PALAVRAS – CRIADO POR CLARA RITTER 8ª	60
LABIRINTO – CRIADO POR ISABELA MONTEIRO 8ª	61
LABIRINTO – CRIADO POR BEATRIZ BERTELI TIEGHI 8ª	62
LABIRINTO – CRIADO POR BRUNO P. CABRAL 5ª	63
PASSO-A-PASSO PARA CRIAR UMA MARIONETE DE DRAGÃO	64
ILUSTRAÇÃO - CRIADA POR CRIADO POR VICTORIA ELIAS DOMIANO 8ª	66

PREFÁCIO

Junto com a Primavera, que chega desabrochando as flores, renovando os corações humanos, colorindo a terra, perfumando o ar...

- Quem vem lá?

Todos curiosos ficam a olhar!

Surge, então, Micael em sua armadura majestosa empunhando sua espada reluzente: bondoso, justo e valente sempre pronto a nos encorajar, inspirar e ajudar.

Micael, um arcanjo com o ofício de ser o mensageiro de Deus. Criado a Sua imagem e semelhança, vem para nos dar força e coragem na batalha contra os espíritos do mal nas nossas lutas cotidianas.

No Antigo Testamento, Micael é mencionado como o guerreiro do céu, aquele que lutou contra os espíritos expulsos, trazendo-nos à consciência para o caminho do bem.

Se observarmos as representações de Micael, ele é o guerreiro que luta contra o mal, o qual é representado pelo dragão e com a força de sua espada ele nos inspira a sermos fortes e corajosos. Assim, como a balança, que traze-a muitas vezes em suas mãos, faz-nos refletir e pesar o bem e o mal.

É por esta razão, que contamos para as crianças desde a mais tenra idade, estórias com exemplos de bravura, coragem e discernimento. Paralelamente sugerimos brincadeiras e desafios para compor a atmosfera para o tempo de Micael. E com todas estas vivências no passar dos anos de cada criança, possa ela se tornar um adulto bom, verdadeiro e com belos ideais.

Aproveitemos esse período para empunharmos com força e coragem a nossa espada interior e lutarmos contra as injustiças de nosso tempo, com a valentia de Micael!

Ione Veras

Pelo Grupo de Ensino Religioso da EWRS

A VIDA NOS PEDE CORAGEM

O que é a coragem? Coragem, como a própria palavra nos diz, é o agir do coração e a época de Micael está profundamente ligada à questão da coragem.

Esse foi o tema do último congresso de jovens em Dornach (Abril 2019).

A coragem é a vontade de irmos além e de transformarmos o medo em uma busca de confiança para enfrentarmos aquilo que nos ultrapassa e que por vezes, está aí sem que tenhamos escolhido.

Como esse instinto de um porvir pode permanecer vivo dentro dos nossos corações, diante de tantas dúvidas e angústias que nos tomam também como um sobressalto?

Há 101 anos, quando nascia a nossa pedagogia, a humanidade se reconstruía e se resignificava de um pós-guerra duro e desafiador. Toda a questão da comunicabilidade estava num estágio muito diferente do nosso tempo e a humanidade precisava encontrar um novo norte. A sociedade precisava ouvir aquilo que estava acontecendo no mundo e quais as possibilidades de se reconstruir.

Hoje, estamos todos vivendo um momento de isolamento e de profundas buscas interiores, até porque a única viagem que nos está permitida fazer é para dentro de nós mesmos.

Rudolf Steiner cria um olhar para a educação visando a construção de cada ser humano como um ser uno. Estamos desafiados, neste momento, repleto de possibilidade de comunicação a nos depararmos conosco e de tentarmos aprender uns com os outros, mesmo que à distância física.

Educar é servir ao que não sabemos ainda e a busca dessa e outras perguntas envolve uma constante coragem para olharmos para o futuro, do qual não temos certeza alguma de qual será.

Estamos num tempo de novos acordos, precisamos intensificar nossa força solidária e nossa busca de liberdade na diversidade e em todos os sentidos de inclusão e amor.

Ser jovem hoje parece exigir ainda mais coragem e senso de pertencimento. A nossa pedagogia nos inspira ao olhar interior e preocupa-se com a essência sagrada da vida e com o cuidado que temos uns aos outros.

São Micael, dá-nos força e coragem a nossos corações!!

Sônia Marx
Professora de Música e Religiosidade da EWRS



ORAÇÃO DE MICAEL

Temos que erradicar da alma todo medo e terror
que o futuro possa trazer ao homem.

Temos que adquirir serenidade
em todos os sentimentos e pensamentos a respeito do futuro.

Temos que olhar para frente
com absoluta equanimidade para com tudo o que possa vir.

Temos que pensar somente que tudo o que vier
nos será dado por uma direção mundial de plena de sabedoria.

Isto é parte do que temos que aprender nessa era:
Viver com pura confiança sem qualquer segurança na existência.
Confiança na ajuda sempre presente do mundo espiritual.

Em verdade, nada terá valor se a coragem nos faltar.

Disciplinemos nossa vontade e busquemos o despertar interior,
todas as manhãs e todas as noites.

Rudolf Steiner

SOBRE A ÉPOCA DE SÃO MICAEL

Dia 29 de setembro é o dia de São Miguel, porém, celebramos esta data não somente por um dia, mas por uma época (4 semanas), onde podemos ter a preparação e a reflexão da época de Miguel, começando antes e continuando depois do dia 29. Portanto, temos ainda um grande período de celebrações, estudos e meditações para acolher Miguel em nossos corações.

Durante os meses de julho e agosto, anualmente, cai na terra uma chuva de meteoritos. Dos meteoritos se desprende o ferro, que se liga ao enxofre, purificando o ar e limpando a atmosfera terrestre. Além disso, os meteoritos impregnam a atmosfera e as águas de finas partículas de ferro, que são absorvidas pelas plantas, que consumimos como alimento. Esta é, também, a época de São Miguel.

São Miguel é um símbolo de coragem, resistência e força de ferro para enfrentar o dragão. Se é dada às crianças a oportunidade de vivenciarem histórias e canções inspiradas em sua força e coragem, será possível não só absorverem o ferro cósmico como tomarem São Miguel como exemplo para enfrentar e vencer os dragões que venham a surgir em suas vidas.

Desde os princípios da humanidade houve esta luta entre o Bem e o Mal, entre Luz e Trevas – não somente fora do homem e no seu ambiente, mas principalmente dentro do próprio homem.

Se tomarmos Miguel como exemplo, tornaremos nos guerreiros. Mas Miguel, muito mais que um guerreiro valente, traz a nós uma nova perspectiva: a da consciência. Estamos vivendo em uma época extremamente materialista e difícil, precisamos saber exatamente contra o que estamos lutando, com que “armas” e para quê.

Se a imagem de Miguel ou cavaleiros inspirados por ele nos falam de coragem, de fé e do agir consciente, devemos agora pensar o que nos fala a imagem do dragão. Aonde encontramos os “dragões” modernos?

Seria muito inocente pensar somente em Bem e Mal, puros e personalizados. A nossa questão vai mais longe: os “dragões” estão em toda parte, dentro e fora do homem. Enquanto fora, podemos encontrá-los nas relações competitivas, na falta de tempo, nas discriminações sociais e raciais, no dinheiro que tudo compra, no trabalho desvalorizado e em tudo que torna o homem um ser pequeno e sem vontade própria. Dentro do homem vivem “dragões” que nem sempre se manifestam claramente, mas que existem: são o egoísmo, o orgulho, o pretenciosismo, a ganância, o medo, a hipocrisia, a sordidez e tudo mais que desqualifica a alma humana, distanciando-a da Grandeza de Deus.

Lutar com estes “dragões” é, por assim dizer, a tarefa do homem moderno. Rudolf Steiner disse que para a “época da consciência” (época em que vivemos) não se deve pensar em matar o dragão, o que significa aniquilar os problemas ou afastá-los ou fingir que não existem; é preciso dominá-lo, subjugá-lo a nossa vontade,

porque o homem é possuidor da Vontade, e só na medida em que ele souber fazer uso dela é que poderá crescer espiritualmente.

Assim podemos ver que todas essas histórias de dragão, São Micael, príncipes e princesas não são somente para as crianças, elas têm muito a dizer aos adultos, que precisam reaprender a ter coragem e fé nos desígnios celestes.

E por que é tão importante falar disso às crianças? Porque assim, através das imagens, estaremos alimentando suas almas com conteúdos como contos de fadas, músicas, versos e brincadeiras adequados a cada faixa etária, que lhe darão forças para enfrentar o mundo presente.

Portanto, cultivando a serenidade, a coragem, a confiança e a fé, certamente colheremos melhores frutos no futuro.

Extraído da Escola Waldorf Acalanto, set, 2011 Arcanjo Micael



O SIGNIFICADO DE MICAEL - GEORG DREIZIG

Como podemos nós, adultos, achar uma relação com essa Festa de Micael, se não temos nenhuma tradição para nos apoiar?

Em imagens poderosas, o Apocalipse de João, no capítulo 12, relata-nos a luta do Arcanjo Micael com o dragão. Micael consegue dominá-lo e lançá-lo à Terra.

Como seria melhor se esse dragão precisasse ser vencido em um país distante! Certamente encontraríamos, também hoje, um herói corajoso que estivesse disposto a arriscar sua vida em benefício da humanidade. Herói que partiria para dominar o monstro.

Infelizmente sabemos que esse desejo é pura ilusão, pois contradiz totalmente à nossa experiência de vida. Podemos encontrar, talvez até hoje, tanto o herói como também o dragão. Esse que devora jovens não nos poupa de sua proximidade. Ele se aninha em nossa cabeça, rói nossos corações e paralisa a nossa vontade.

O dragão reside em nós e não importa para onde queiramos fugir, sempre o levaremos conosco. É uma possibilidade inexistente o fugir para qualquer lugar seguro.

Só nos resta a outra alternativa: nós mesmos nos tornamos heróis, domadores do dragão! Cuidemos com mais atenção do herói em nós! Talvez tenha se mostrado por poucos instantes, ao termos o sentimento de não desanimarmos, de não querermos desistir, ou na ânsia por clareza, por verdade, por força – não estamos radiantes ou completamente seguros da vitória, mas também não estamos dispostos a capitular; estamos decididos a manter os ideais, as esperanças. Este é o nosso herói interior pelo qual devemos procurar.

Uma vitória não principia somente quando há golpes de espada das luminosas intuições, mas já quando reconhecemos que existe alguém dentro de nós que não quer desistir, que também tem certeza de sua origem mais elevada. Este é o herói digno de nossa atenção, mesmo que fique demonstrado que ele precisa ser nutrido durante sete anos até que possa ousar enfrentar a luta dentro de si.

Precisamos tolerar pacientemente que o dragão em nós se manifeste. Mas isso não pode impedir-nos de notar ali, onde estiver o dragão, o herói e de ter toda a confiança que será então seu alimento fortificante.

(Extraído da revista "Die Christengemeinschaft" 10/99
Colaboração Martha Walzberg)

SÍMBOLOS DE SÃO MICAEL

O DRAGÃO DO NOSSO SÉCULO

Neste século existem mudanças, em escala antes nunca vista, no relacionamento da humanidade com a Terra, com a natureza, com o espírito, com o trabalho e com os âmbitos do convívio. Quase nem existem cantos da Terra habitada que não tenham sido afetados por estas mudanças. O materialismo e a técnica já se preparam desde séculos, porém agora estão em um estágio em que dão ao homem e à humanidade uma nova dimensão de liberdade e responsabilidade. Já nos tempos dos apóstolos a nossa época foi indicada com a imagem da luta de Micael com o dragão. O dragão ameaça o futuro do homem. Ele utiliza toda sua força para que não "se vejam as ideias com os olhos" - para usar uma expressão de Goethe - e a moralidade não se desassocie de laços sanguíneos e de ligações com a natureza. Ele não quer que o homem se apoie no espiritual, que está dentro de si, que quer se revelar a partir de si mesmo. Este é o "dragão do materialismo", aquela visão do mundo que só pode aceitar como realidade o que está relacionado com "matéria".

O dragão encontra-se jogado na Terra por Micael (Apocalipse 12). Aqui ele atua em diversas frentes. Uma frente encontra-se lá onde impede a vivência do espírito em nosso ser humano. O dragão amarra as nossas forças de conhecimento com tal intensidade ao mundo material, que nos tornamos cada vez mais intelectuais e não vivenciamos com quais forças compreendemos o mundo. Aumentamos a velocidade dos pensamentos e encobrimos com isto a visão dos seres espirituais.

Uma outra frente encontra-se lá onde o dragão luta contra o nosso impulso de que o espiritual do nosso ser se torne a base para as nossas ações. No campo da responsabilidade ético-moral o desenvolvimento da técnica é o seu melhor aliado. Os aparelhos técnicos nos eximem da maior parte de nossas atividades e nos transformam em observadores e espectadores. As consequências na alma desta inanição "devida ao progresso" são imensas. Somente em casos excepcionais nos tornamos conscientes de que não fazemos nada. Os sintomas da perda de força ético-moral são conhecidos: por exemplo, falta de vontade, desconcentração, fraqueza de motivação, falta de julgamento, etc. As consequências são lastimadas, a escrita do dragão não é reconhecida.

Para ilustrar, um episódio no âmbito da queda do sistema socialista: André Sakarov, o "pai da bomba H", no decorrer de seu trabalho como físico, sentiu a necessidade de alertar o público sobre as consequências nefastas, para o homem e seu ambiente, das explosões termonucleares. Assim, tornou-se um opositor do regime soviético e em pouco tempo um dos mais notáveis defensores dos direitos humanos. Ele teve que passar por incontáveis sofrimentos e privações pelos dirigentes do sistema e, ao lento cair do sistema comunista, foi liberado do exílio e reabilitado por Gorbatchev. Em suas memórias, Sakarov conta tudo isto de maneira impressionante. Ele descreve como finalmente volta a Moscou e enfrenta aqueles, que não eram os causadores imediatos, porém, os herdeiros dos dirigentes que levaram a sua vida e a de sua esposa à beira do abismo.

Em 15 de janeiro de 1989 teve uma reunião no Kremlin, onde Gorbatchov, ao cumprimentar as visitas, não teve como não se dirigir também a Sakarov. "Eu disse-lhe - escreve Sakarov - que estava grato por sua interferência, quanto ao meu destino e o de minha esposa. Com a liberdade recebi ao mesmo tempo um maior sentimento de responsabilidade. Liberdade e responsabilidade são inseparáveis." Ao que Gorbatchov respondeu: "Estou muito feliz, porque o Sr. relacionou estes dois conceitos."

Poder-se-ia achar que este curto diálogo fosse somente uma fórmula espirituosa, cujo único objetivo seria evitar uma confrontação mais séria. Mas, perante o cenário de tudo que estes dois homens passaram, pode-se sentir também um transparecer do gesto de Micael. Liberdade desvinculada de responsabilidade pode facilmente ser vivenciada como levando a um gozar desfreado daquelas necessidades que levam o indivíduo finalmente ao isolamento e o mundo à destruição. Por outro lado, a responsabilidade quando não baseada no mundo das idéias do homem (isto é, na liberdade), leva a igualdade totalitária e todas as formas de teorias sociais abstratas, sob as quais o séc. XX tanto tem de sofrer. Como princípios separados eles perdem a sua força positiva. Sob este ponto de vista a concordância séria e feliz do dirigente do partido parece como um relampejar da indicação do Arcanjo, que cuida com desvelo para que a luz celeste da liberdade que se incendeia nos seres humanos, ligada à força da responsabilidade ético-moral, não se apague no âmbito da luz terrena.

(Lothar Reubke - Tradução: Lélia Jenaro e Rosemairie Schalldach)

OUTROS SÍMBOLOS

O modo como realmente deve ser uma Festa de Micael para a humanidade, ainda é uma tarefa a ser realizada no futuro. Mesmo assim, podemos tentar encontrar um meio e, com toda humildade, esforçar-nos para despertar nas crianças uma ideia sutil de Micael.

Não será difícil achar uma apresentação adequada para a mesa ou o cantinho de festas, pois há inúmeras delas. Uma imagem aproximadamente completa da entidade e da atuação de Micael, nos poderá ser dada somente por uma visão conjunta de várias imagens com os mais variados aspectos deste ser. Vejamos alguns:

Ilustrações: muitas ilustrações trazem Micael lutando contra o dragão, que quase sempre representa o diabo. Micael (que significa: Quem é como Deus?) é um ajudante incentivador e encorajador do homem em sua disputa com o mal, com as forças antagônicas. Em todas as boas representações, pode-se ver que o dragão de baixo de seus pés não está morto, mas com a força descomunal vencida, subjugada. Assim, Micael ajuda aos homens e lhes consegue dar espaço para uma atividade própria, porque conseguiu impor limites à força descomunal do maligno.

Outro motivo básico que se pode encontrar é Micael segurando uma balança. Assim é que ele aparece em representações do juízo final ou em cenas que caracterizam a vida após a morte.

O bem e o mal são pesados conjuntamente, e a alma humana vivencia então como doloroso aquilo que, pelo seu atuar, pesou no lado mau, e como bem-aventurança o que pode ser pesado no lado bom.

Micael representado com um globo terrestre transparente, que muitas vezes, traz um símbolo crístico, no centro, mostra-nos sua prontidão e atuação para formar um mundo novo (na Bíblia em Apocalipse de São João, 21) : A construção de uma Jerusalém celestial.

Mais raras são as representações de Micael sob a cruz do Gólgota, ou Micael como acompanhante de pessoas falecidas, ou como guardião nos portais de igrejas. Um cem número de imagens o mostra como atuando em lendas. Nestas, conta-se como sua atuação foi uma ajuda da em destinos humanos isolados. (A palavra lenda = legenda, tem origem no latim e significa ler, interpretar. Logo uma lenda deve ser lida com a compreensão adequada para ser entendida corretamente).

Mesa de festas: deve-se escolher a representação mais adequada e, quando as crianças tiverem crescido, poder-se-á variá-la, para que cada atuação de Micael tenha a sua vez de estar em evidência.

Micael está numa soleira, num limiar, e indica aos homens a outra vida, diversa, resultante do espírito. Um ramo de folhas coloridas do outono e outro de bagos ou frutinhas silvestres refletem um pouco deste ambiente, desta atmosfera.

O pão de Micael: como tudo o que faz, Micael quer nos aproximar da compreensão daquilo que o Cristo fez e sempre faz por nós. Se colocarmos, no cantinho das festas, as dádivas da natureza, teremos feito, de um modo sutil, uma relação com os profundos mistérios do Cristianismo. Em diferentes partes da Europa, conhece-se o pão ou o bolo de São Micael. Este uso pode ser retomado e, no dia, haverá então na mesa de festas uma cesta de pãezinhos (levemente adocicados e com uva-passa) na feitura dos quais, logicamente, as crianças participaram.

A balança: há poucas tradições para esta época. Mas, para que as crianças participem atuando nos preparativos e demonstrem sua boa vontade (o que é o ponto importante e essencial desta época) pode-se fazer o seguinte: na manhã do dia festivo, em cima da mesa de festas, encontra-se uma balança de dois pratos (pode ser feita facilmente com material simples de encontrar). Um prato se acha bem baixo, pesado, com uma pedra escura, escurecida ou tingida. A criança deve ajudar então, diariamente, São Micael, e poderá colocar no outro prato uma pedrinha que tenha encontrado no jardim ou em passeios. Pedra que deverá ser bem clara, talvez com um desenho especial ou de formato distinto; ou a criança transforma uma pedrinha simples em uma "preciosa", enfeitando-a com pedacinhos de massa de cera de abelha. À noite, quando já passou o dia com suas vivências, chega o momento adequado para a pequena cerimônia da pesagem. A criança vivencia então como, diariamente, o prato do lado bom vai ficando cada vez mais pesado, chegando ao equilíbrio e finalmente alcançando o vitorioso peso maior. Também, numa ocasião propícia, pode-se contar à criança que nada se perde, nem o mínimo ato bom, por menor que seja, e que passou despercebido de todos, pois nos mundos celestiais ele é recebido com muita alegria e fortalece a força do bem no mundo.

Na noite após a época festiva (sábado após o quarto domingo), os dois pratos devem ser esvaziados e as pedrinhas devem desaparecer. Não são guardadas e, sim, procuradas cada ano novamente, para que adquira sentido o que a criança faz. Com isto, as quatro semanas de festas micaélicas não são vivenciadas como se perdessem suas forças; pelo contrário, neste pequeno exercício se perceberá uma força crescente.

Empinar um papagaio: é uma tradição muito propícia para esta época. As crianças maiores terão alegria em empinar papagaios feitos por elas próprias e/ou com os pais. É uma vivência infantil muito especial ter o controle, em sua mão, do papagaio que flutua tão alto lá em cima e também de poder trazê-lo de volta para baixo! É um símbolo que fala por si.

O dragão sob os pés: talvez se possa achar uma raiz de forma bizarra. Com a ajuda de cera de abelha colorida para modelagem e um pouco de fantasia (imaginação) poderá surgir um dragão de talvez até várias cabeças. Em cima dele ficará de pé o arcanjo Micael, também modelado pela mesma cera. Toda família poderá moldar estas formas e será uma vivência muito importante para a criança. Na mesa de festas, fica o local de colocar a imagem trabalhada em conjunto.

Dramatizações: quando se reúnem crianças nesta época, ficará fácil dramatizar pequenas lendas e histórias com roupas adequadas, facilmente encontradas. Após ouvirem a história, as crianças são vestidas, combina-se em poucas palavras o transcórre da peça, e ela pode começar. Às vezes, é aconselhável tomar somente cenas ou acontecimentos curtos, isolados e relatar a história nos intervalos.

Como as crianças se identificam e assumem facilmente sua personagem, estas brincadeiras podem ser usadas nesta época, através da escolha de histórias próprias, para fortalecerem o impulso específico da época: fazer o bom e o bem corajosamente e igualmente trazer absolvição e libertação para o mundo.

(Livro “Festejando as festas anuais com crianças” – pág. 78 a 84 - Stuttgart v. Brigitte Barz)

(Extraído da Revista Nós 1990 – Escola Waldorf Rudolf Steiner)



Brave and true
I will be
Each good deed
sets me free
Each kind word
makes me strong
I will fight
for the right
I will conquer
the wrong.

O HOMEM NOS RITMOS DO UNIVERSO

UMA PERSPECTIVA MICAÉLICA

O homem vive dentro de contextos cósmicos dos quais hoje muitas vezes não tem nenhuma consciência. Ele está colocado dentro dos ritmos de dia e noite, luz e escuridão, verão e inverno. Além disso, situa-se em contextos periódicos ainda mais amplos, como o período denominado ano universal platônico, que abrange um espaço de tempo de 25.920 anos, durante o qual o sol, em virtude da precessão dos equinócios, percorre os doze signos do zodíaco.

Até mesmo em sua respiração o homem está em conexão com tais contextos rítmicos universais. O homem sadio faz, por exemplo, cerca de 18 movimentos respiratórios por minuto, portanto 25.920 movimentos respiratórios em 24 horas. É, por dia, o mesmo número quanto o dos anos de um ano universal platônico, que assim podem ser considerados como grandes movimentos respiratórios. Por seu lado, a vida humana é, pois, como um ano maior que está contido 360 vezes em um ano universal platônico.

Tais considerações reforçam a consciência de que o homem se situa em seu tempo e ambiente necessariamente, por uma questão de lei natural. Mas, apesar disso, ele sente de maneira imperiosa sua impotência diante dos acontecimentos do seu tempo, em que está embutido, de modo que estes lhe aparecem como que em uma impressão cósmica, apresentasse-lhe como que uma espécie de monstro, um ser dragoniano, cuja onipotência, também decorrente de lei natural, pode causar ao homem de tempos antigos, o qual ainda podia ter com muito mais intensidade tais impressões cósmicas. Estas se condensavam, por exemplo, na antiquíssima China, e eram vivenciadas como visão de um dragão, diante do qual da sua onipotência cósmica. Naquele tempo o homem se dissolvia nesse ser para ele sagrado, tornava-se uno com o mundo, sem ter de si mesmo uma autoconsciência egóica. Mas, isto mudou fundamentalmente no decorrer da história humana, na medida em que o homem a si mesmo percebia em seu eu, e nele despertava a indagação a respeito do seu próprio ser.

Qual é a essência, o ser do tempo? O tempo de modo algum pode ser calculado com precisão e esquematizado. Apesar da introdução do ano bissexto, entre outras coisas, até o presente, ainda não pôde achar uma ordem exata para o calendário. Pois o tempo é um ser vivente! Isto sabia-se também no passado. Os povos de civilização antigas orientavam-se inteiramente pelo transcorrer estelar, de modo que, por assim dizer, "a dificilmente entendida dimensão tempo" era igualada.

A moderna Ciência Natural muitas vezes fala de fatores não-calculáveis em diversas áreas. Não só os especialistas em meteorologia se esforçam por determinar os fenômenos atmosféricos por meio de leis naturais, sem obter resultados últimos, mas também no campo da Biologia, fala-se de âmbitos de substância impossíveis de serem determinados por cálculo, aos quais âmbitos se denomina "o mundo das dimensões desprezadas" ou "o campo dos coloides e das suspensões". No entanto, toda "substância viva" obedece em maior ou menor grau às leis desse âmbito da substância, conforme descreve pormenorizadamente Walter Closs em seu trabalho: "A Terra...Um Ser Vivo". A fisiologia etérica das plantas, dos animais e do

homem em uma parte essencial dos seus processos se subordina a essas leis. Pela intervenção de forças e transposto para o âmbito do vivente. (Closs p.49-50 e ss)

Onde encontrar o ponto inicial, o regulador e ordenador exato dos transcurtos temporais e fonte de todo ser vivente? Tudo o que na terra mostra vida, não pode ser pensado sem a luz e seus efeitos, que têm sua origem no sol. Este é o centro, uma espécie de ponto egóico das criaturas, irradiações de luz e vida para todo o nosso sistema planetário, nosso cosmo. E qual inteligência determina o decurso do tempo com sua exatidão impossível de ser abarcada por meio de um sistema numérico? Quem ordena os decursos de luz e vida do ano, as auroras e os crepúsculos solares, a dança das estrelas e dos planetas? E tudo isto com uma precisão que a inteligência humana jamais poderia efetuar e calcular, inclusive "as dimensões temporais indetermináveis" e "o mundo das dimensões desprezadas"? Não é obvio que em tempos antigos ao olhar o interior do homem se apresentasse um radiante ser inteligente surgido no sol? Um ser com inteligência cósmica, uma imagem da própria inteligência solar repleta de sabedoria, que vitoriosamente supera a monstruosidade e aparente onipotência do mecanismo do mundo que visualizava como dragão? – Um ser inteligente de sol e luz!

Esse ser inteligente criador que sobre irradia todas as leis universais calculáveis, bem como as dimensões temporais indetermináveis e os âmbitos desprezados da substância vivente, nos centros iniciáticos dos mistérios da Luz, os quais certamente houve em todos os tempos entre os povos civilizados, sempre era percebido a partir da mesma vivência, embora lhe dando denominações diversas: a vitória dos poderes de luz sobre os da escuridão!

Na Antiga Índia, essa figura de luz divina denominava-se Indra, na Pérsia, Mitrás, e na civilização caldaico-assíria-babilônia, Marduk. O povo hebreu denominava-a Micael! Aqui a vivência da figura de luz se tornava como que uma pergunta ao próprio homem, pois Micael significa: "Quem é como Deus?"

Hoje, no século XX, quando entramos em um novo estágio da cosmovisão cristã, importa admitir novamente em nossa consciência esse ser inteligente. Poderosamente atua o determinismo da imagem do mundo mecanicista em nossas vivências. Impotente e pequeno sente-se cada homem de si, cada eu, diante dos gigantescos eventos exteriores da época e do mundo. Observando e pesquisando o mundo exteriormente, do microscópio e pelo telescópio as coisas lhe aparecem irrealmente grandes, tais como a olho nu nunca poderiam ser percebidas, com isso também perdendo a livre e abrangente visão de conjunto. Por isso, o que ele vê superdimensionado e fantasmagórico pode condensar-se lhe em um monstro, um dragão a penetrar na sua consciência. A impressão de poderes fantasmagóricos e dragonianos querendo prender o espírito com "cadeias de escravidão terrestre" – isto é o que hoje cada vez mais se torna uma vivência concreta da alma humana.

Nos altares da Comunidade de Cristãos, a epístola da época de Micael fala a respeito dos poderes dragonianos, indicando caminhos para encontrar nos dias que correm a força superadora do dragão.

Rudolf Steiner disse sobre as forças inteligentes, que elas outrora foram cósmicas, sendo administradas por seres divinos. Mas, perto do fim chuvisco sobre os homens, para serem, a

partir de então, por eles administrados na liberdade de cada eu. Desde esse momento histórico, forças inteligentes foram rapidamente absorvidas e desenvolvidas pelos homens. Mas, a questão é como essas forças são hoje administradas e usadas pelos homens. Enormes são as realizações da inteligência humana quanto às suas criações técnico-mecânicas e em todos os campos da ciência exterior, a ponto de darem, elas, a impressão de monstruosidades.

O que dá a alma humana a consciência e a força, a força de superação do dragão, para que o homem possa persistir como eu diante disso? – Também a esse respeito fala a epístola da época de Micael: O empenho de Micael consiste em que os homens venham contemplar o olhar da alma a face de Cristo. Mas o próprio Micael é a “Face de Deus - Homem”. No atual vivenciar micaélico, percebe-se a contemplar-se a força da luz inteligente! Pois, desde que Cristo se revelou dentro do homem, brilhou no ser e na face humana, podemos achar e vivenciar a inteligência da luz solar que irradiou luz e vida a partir do sol através de todos os tempos, podemos vê-la como Deus-Homem dentro do homem, no nosso próprio e íntimo eu. Cristo será reconhecimento como sol espiritual que faz surgir luz e vida no eu da alma humana, brilhando na face e no coração do homem.

Na mesma epístola, fala-se também da força livre existente no homem que prepara o coração humano para a luz. Realizações da inteligência hoje existem na vida exterior, grandiosas e imponentes, mas a inteligência se desligou do coração humano. Isto, porém, é o importante em nosso século: como a inteligência pessoal é livremente administrada pelo homem egóico. O Vidente João, em seu Apocalipse (Cap.12), contempla a arque-imagem cósmica da alma humana: a mulher, envolta pelo sol, prestes a parir o filho espiritual (o eu), o qual corre o perigo de ser devorado pelo dragão. Essa é a arque-imagem da alma humana que das forças cósmicas de luz inteligente concebe o eu superior e lhe dá nascimento. De acordo com essa arque-imagem, em nosso tempo, a alma humana segue seu caminho do vir-a-ser inteligente através de provações apocalípticas. E a angustiada pergunta é, se ela achará o administrador certo de suas forças espirituais.

Em vista das “monstruosas” realizações, o que pode ser feito pelo esforço humano pessoal parece pouco, íntimo. No entanto, para as realizações inteligentes do coração aplica-se o maravilhoso e interiormente exato conceito do “mundo das dimensões desprezadas” que a ciência moderna assim definiu acertadamente ao pesquisar a substância vivente. Sim, verdadeiramente “desprezada” pela consciência do nosso tempo, ou, pelo menos ainda não desenvolvida! Ainda assim, ele é como o pingo do “i”: inesperadamente pequeno, e pouco parece o mundo dos âmbitos desprezados do tempo e da substância, mas, apesar disso, ele sobre irradia com seu atuar inteligente cósmico, pleno de sabedoria, e com a maior precisão, tudo o que vive.

(Extraído do livro Micael - coletânea de textos 1998 - Comunidade de Cristãos, Movimento de Renovação Religiosa)

FORJANDO A ARMADURA

Nego-me a me submeter ao medo
que me tira a alegria de minha liberdade,
que não me deixa arriscar nada,
que me torna pequeno e mesquinho,
que me amarra,
que não me deixa ser direto e franco,
que me persegue,
que ocupa negativamente minha imaginação,
que sempre pinta visões sombrias.

No entanto não quero levantar barricadas por medo do medo.

Eu quero viver, e não quero encerrar-me.

Não quero ser amigável por ter medo de ser sincero.

Quero pisar firme porque estou seguro e não
para encobrir meu medo.

E, quando me calo, quero fazê-lo por amor
e não por temer as consequências de minhas palavras.

Não quero acreditar em algo só pelo medo de não acreditar.

Não quero filosofar por medo de que algo possa atingir-me de perto.

Não quero dobrar-me só porque tenho medo de não ser amável.

Não quero impor algo aos outros pelo medo de que possam impor algo a mim;
por medo de errar, não quero tomar-me inativo.

Não quero fugir de volta para o velho, o inaceitável,
por medo de não me sentir seguro no novo.

Não quero fazer-me de importante porque tenho medo
de que senão poderia ser ignorado.

Por convicção e amor, quero fazer o que faço e
deixar de fazer o que deixo de fazer.

Do medo quero arrancar o domínio e dá-lo ao amor.
E quero crer no reino que existe em mim.

Rudolf Steiner – Tradução Ute Crãmer

(Ilustração: Maria Clara Lopes Prieto 8ªA)

FESTEJANDO SÃO MICAEL COM AS CRIANÇAS

Por estarem tão intimamente ligadas ao mundo cósmico, as crianças atuam de formas diferentes em cada estação do ano, pois as forças que regem cada época vivem intensamente dentro da alma das crianças.

Na época da primavera, a criança começa a manifestar sua ligação com o significado espiritual dessa época. Começam a surgir perguntas de força e poder: quem é mais forte, o tigre ou o leão? Ou então, quem é mais poderoso o príncipe ou o dragão? Os maiores, mais conscientes de sua própria força, realizam pequenas disputas e lançam-se em desafios.

Dragões, príncipes e princesas habitam os castelos feitos com os panos e cavaletes da sala; heróicos cavaleiros com suas capas vermelhas e amarelas montam seus cavalos de madeira empunhando espadas que eles mesmos ajudaram a confeccionar, lixando-as ou enfeitando-as.

Relacionados às qualidades micaélicas podem estar presentes na preparação da época: panos vermelhos, amarelos ou dourados na mesa de época ou em capas que as crianças possam brincar, a espada, a balança, o elemento ferro...

(Trechos extraídos do texto Micael de Sônia M. Ruella)

A espada de madeira, no brincar, é um símbolo forte e representa a bravura, a valentia e a força. É sempre importante resgatar o significado simbólico da espada, que vai muito além da imagem de instrumento de violência, difundida pelos desenhos e filmes. A espada é a arma de um cavaleiro, defensor da luz contra as trevas. Na Idade Média, era considerada um símbolo do espírito ou da palavra de Deus e recebia até mesmo nomes próprios, como a espada do Rei Arthur, chamada de Excalibur.

As cores utilizadas em objetos ou panos também têm significados importantes. O vermelho simboliza sangue, ferida, agonia, sublimação e coragem. Já o amarelo simboliza a iluminação e o conhecimento da Verdade. O ouro, por sua vez, reflete um estado de glória.

A balança simboliza a justiça, e a busca do equilíbrio. Estas poderão ser confeccionadas, por exemplo, com cestos de palha.



As brincadeiras são sempre muito importantes para uma criança e, nesta época, as mesmas deverão conter vivências que requerem o exercício da força física, da coragem e do equilíbrio como cordas, pontes confeccionadas com troncos ou bancos...

Passeios com alguns desafios também são excelentes para a época, onde a criança precise exercitar sua coragem: subir em pedras ou em árvores, percorrer trilhas com pedras ou obstáculos, atravessar riachos, etc. Claro que tudo com muito cuidado e com a presença de um adulto.

Outra sugestão são os labirintos em caracol para as crianças trilhareem seu caminho. Esse caminho é uma representação de nossa busca pela coragem em nosso interior antes de enfrentarmos os desafios que nos esperam. Elas deverão caminhar do início ao centro e saírem por onde entraram.

Há uma atividade simples, mas muito significativa: a vivência do plantio de sementes. Onde a criança acompanhará a coragem do brotinho ao sair da terra em busca do sol para poder crescer.

As histórias e contos para a época de Micael devem conter fatos heroicos de coragem, com pensar lúcido e agir firme e, adequadas a cada faixa etária.

É importante lembrar que a criança do Maternal não pode estar em contato direto com o confronto entre o bem e o mal, pois até os 3 anos, ela ainda está estruturando o seu ego e está voltada para o seu próprio mundo. Para estas crianças, o conteúdo da época de Micael deve ser apresentado por meio de canções e de um ambiente com as cores e símbolos já mencionados. Nessa idade, ela capta principalmente a atitude interior do adulto em relação ao significado da época micaélica, tanto no nível filosófico quanto no prático. Como o adulto enfrenta as dificuldades e desafios com que se depara? Isso é o que a criança absorverá.

A época de Micael, também, poderá estar na culinária e nos trabalhos manuais e artesanatos através de transparências, dobraduras, velas enfeitadas, bordados, cantinhos ou mesas de épocas, aquarelas, etc. Estas atividades poderão ser realizadas com as crianças ou, os objetos simplesmente colocados em algum cantinho da casa para decorar e alimentar os símbolos micaélicos. Seguem algumas fotos para inspirar!







DESAFIOS DE MICAEL

Segue alguns desafios sugeridos pelos professores de educação física de nossa escola para fazermos com as crianças nesta época micaélica:

CORAGEM

Experimentar novas texturas e gostos. Podemos desafiá-los ao tentar descobrir um objeto com os olhos vendados (o tato pode ser explorado com as mãos ou com os pés).

Sugestão 1: com os olhos vendados - entregar na mão da criança alguns objetos com texturas diferentes, que a ela conheça, para que tente identificar.

Sugestão 2: com os olhos vendados - colocar numa bacia, alguns objetos, com texturas diferentes, que a criança conheça, para que ela tente identificar com os pés. Poderá ser explorado o quente e frio, toalha seca ao sol e gelo.

Sugestão 3: com olhos vendados - apresentar a criança gostos diferentes. Azedo, amargo ou alguma fruta ou verdura que não é do paladar dela. Pode ser gotas de limão, pedaço de kiwi ou gotas de molho shoyo. Aqui é importante usar a criatividade, lembrando que são apenas sugestões.

HABILIDADE

Desafios motores que podem variar de acordo com a faixa-etária da criança. Trabalhar elementos básicos do desenvolvimento motor: pular, subir e rastejar como entrar em túneis, subir em batentes e pular obstáculos.

Sugestão 1: colocar um balde e cerca de 10 objetos pequenos no chão. O desafio da criança é manter uma bexiga no ar e ao mesmo tempo pegar os objetos do chão e colocar dentro do balde.

Sugestão 2: esse desafio será realizado em 5 fases

FASE 1 - as crianças deverão jogar a bolinha para cima com uma mão e pegar com a mesma mão sem deixar cair no chão, repetindo dez vezes antes de passar para outra mão. Agora, elas deverão fazer a mesma coisa com a outra mão.

FASE 2 - deverão jogar a bolinha para cima com uma mão e pegar com a outra mão, repetindo dez sem deixar a bolinha cair no chão. Não vale jogar a bolinha baixinho, elas devem jogar a bolinha para cima de modo que a mesma ultrapasse a altura da cabeça.

FASE 3 - desta vez as crianças terão que jogar a bolinha para cima, bater 1 palma e pegar a bolinha de volta.

FASE 4 - continuando com a brincadeira de bater palmas, vamos dificultar um pouco aumentando o número de palmas. Deverão jogar a bolinha para cima, bater duas palmas e pegar a bolinha de volta, jogar a bolinha para cima, bater três palmas e pegar a bolinha de volta. E a cada vez que jogarem a bolinha para cima deverão aumentar uma palma e pegar a bolinha de volta.

FASE 5 - para finalizar o desafio com as bolinhas, elas deverão jogar a bolinha para cima, bater uma palma e dar um salto, pegando a bolinha de volta.

Lembrando que são apenas sugestões.

FORÇA

Estes desafios também variam de acordo com a faixa-etária e com o desenvolvimento motor da criança. Podemos pedir para elas transporem objetos pesados de um lugar para o outro ou conduzirem objetos leve com um sopro ou toque (bexiga, pena, etc...).

Sugestão 1: com barbante ou fita crepe desenhe um caminho, este pode ser desenhado em uma mesa ou no chão (uma superfície lisa ajuda a criança). Dê para a criança um canudo e uma bola de papel e peça para que ela conduza a bola de papel pelo caminho desenhado apenas com o sopro através do canudo.

Sugestão 2: podemos pedir para a criança fazer a posição do caranguejo: em 4 apoios (pés e mãos no chão) com a barriga voltada para o teto. Coloque um livro leve em sua barriga e peça para que a criança caminhe até um ponto. Cuidadosamente, aumenta-se a carga que é colocada na barriga da criança.

Sugestão 3: com supervisão de um adulto, a criança deverá erguer alguns objetos da casa. Começando com os leves como almofadas, passando por outros de peso médio como bancos ou cadeiras até chegar em algo pesado, que seja um desafio para ela.

Lembrando que a supervisão é sempre muito importante.

EQUILÍBRIO

Poderemos entrar com desafios de equilíbrio estático como ficar parado equilibrando em um pé só, como também equilíbrios dinâmicos como andar por cima de uma corda, um desenho de formas no chão, sobre uma mureta, pular corda, entre outros.

Sugestão 1: colocar alguns objetos no chão, a uma certa distância da criança. Ela deverá ir até os objetos pulando num só pé, ainda em equilíbrio, pegar 1 deles e pular até um outro lugar para colocá-lo. Fazer isso com todos os objetos.

Sugestão 2: colocar uma grande corda, barbante, toalha grande enrolada ou até mesmo um desenho a giz no chão. Poderá ser em linha reta ou em forma. A criança deverá em equilíbrio, andar por cima do começo até o final.

Sugestão 3: traçar uma linha reta no chão e com os olhos vendados, a criança deverá andar em equilíbrio, pé na frente de pé até o final da corda.

A supervisão é sempre importante, lembrando que são apenas sugestões.

Use a criatividade para mais desafios.

PRECISÃO

A criança poderá jogar ou lançar objetos com uma meta.

Sugestão 1: colocar um balde, cesto ou bacia a uma distância que a criança consiga acertar alguns objetos dentro. Pode ser bolinhas em geral, bolinhas de papel ou objetos macios. Quando conseguir acertar com facilidade, aumentar a distância, começando uma nova rodada de lançamentos.

Sugestão 2: continuando com o balde e agora com uma bolinha de tênis, a criança deverá acertar o balde, quicando primeiro a bolinha no chão.

HISTÓRIAS, CONTOS E VERSOS PARA ÉPOCA DE MICAEL

Nos contos de fadas estão representados aspectos humanos fundamentais, através de suas imagens e personagens.

Quando narramos um conto, estamos transmitindo o desenvolvimento de uma individualidade. Por isso, é necessário fazê-lo com devoção e alegria.

As histórias nos falam de lutas e vitórias, sofrimentos e alegrias humanas, mas estas têm como cenário o íntimo do ser humano.

As crianças que têm a possibilidade de receber estes conteúdos, fortalecer-se-ão para trilhar o seu próprio caminho na vida e receberão qualidades anímicas que nortearão sua conduta.

Para a criança até 7 anos de idade, quanto mais ouvir integralmente e repetidas vezes o mesmo conto (aproximadamente 28 dias consecutivos), melhor, para que este possa fazer parte de suas vivências.

O que é recebido na infância se torna um verdadeiro tesouro.

(Trecho extraído do material “HISTÓRIAS PARA FESTA DO ANO” do Jardim Waldorf Rumo do Girassol)

As histórias e contos para as crianças pequenas, devem trazer elementos que façam parte do universo dela, como: papai, mamãe, bichinhos, etc. Sempre com muita ação e imagens verdadeiras. São sugestões os contos de fadas sobre príncipes corajosos e justos, histórias com heróis que conseguem vencer o dragão.

VERSOS E ORAÇÕES

De manhã e ao anoitecer (Rudolf Steiner)

De manhã

Oh Micael, à tua proteção eu me recomendo.
À tua direção eu me uno.
A partir da força do coração.
Que este dia se torne imagem.
Da tua vontade que ordena o destino.

Ao anoitecer

Carrego meu pensar ao sol poente.
Coloco minhas preocupações em seu colo resplandecente.
Purificados no amor, transformados na luz.
Retornam como pensamentos que auxiliam,
Como força para agir, disposto ao sacrifício.



Micael traz querer, força, coragem.
Ele é espírito solar.
Ele quer que o veja.
Ele trabalha com as consequências,
Não com as causas.

Micael é calado, contido.
Ele não dá respostas,
Ele aí está, ele quer!
O que é pensado sobre a Terra
Ele aprova ou rejeita,
Mas somente se for considerado justo
Diante do mundo espiritual.
Poís nos seus períodos, nunca,
Ele participou da atividade terrestre.
Tudo o que é herdado lhe é antipático!
O falar é algo do que ele se afasta.
Ele quer antes o pensamento!



Sejam corajosos

Sejam corajosos,
Mas sejam humildes,
Poís a coragem orgulhosa
Não é a coragem de São Micael.
Somente a coragem
Que surge no coração
A partir do desejo de querer
Ajudar os homens
É a coragem que receberá
Ajuda dos mundos espirituais.

(Extraído de “A Espada de Luz” Coletânea Karin Stasch)



Pela paz mundial

“Oh tu, espírito do meu espaço na terra,
Desvende a luz de tua idade
À alma dotada de Cristo,
Que buscando a ela possa encontrar
No corpo das esferas de Paz, a ti,

Entoando louvor e poder
Do sentido humano, dedicado a Cristo”.

(Escrito por Rudolf Steiner, quando ocorreu a 1ª Guerra Mundial)



Micael, o Vitorioso

Eu faço minha cavalgada sob teu escudo,
Tu Micael, do coral branco
E da luminosa espada brilhante
Conquistador do dragão
Estejas tu às minhas costas
TU, guardião dos céus
Tu, guerreiro, o rei de todos
Tu Micael, o vitorioso
E a glória do meu EU

(Verso Celta antigo)

HISTÓRIAS E CONTOS

JOÃO DE FERRO – Conto dos Irmãos Grimm

Era uma vez um príncipe. Não sabemos nem em que tempo, nem o lugar onde esta acontece. Sabemos que ele vivia em um reino outrora equilibrado e próspero, com seu pai, o rei, sua mãe, a rainha, e toda a corte. Atrás do castelo havia uma grande floresta, na qual o rei gostava muito de caçar. Mas um dia aconteceu que um de seus caçadores dela não regressou. No dia seguinte outros dois foram a sua busca, mas nenhum retornou. A partir daí a floresta foi abandonada por ser muito perigosa, e ninguém mais pôde entrar lá. Isto durou um longo tempo.

Até que um certo dia, apareceu um caçador desconhecido que se propôs a livrar o reino da maldição. Ele entrou na floresta com seu cão, e ambos seguiram um animal selvagem até um laguinho. O caçador foi, então, buscar outros homens que, com baldes, esvaziaram o laguinho encontrando no fundo um homem selvagem, cujo corpo era marrom como o ferro enferrujado, e cujos cabelos iam até os joelhos. Eles, então, o amarraram e o levaram para o rei, que o prendeu em uma imensa jaula de ferro, a qual colocou no jardim do castelo, proibindo sob

pena de morte que o libertassem. A chave da jaula o rei deu para a rainha guardar. Depois disso, qualquer um podia ir sem perigo a floresta.

O rei tinha um filho ainda criança, que estava brincando no jardim com sua bola de ouro quando, acidentalmente, ela rolou para dentro da jaula do Homem de Ferro.

O príncipe, então, correu até a jaula e pediu a sua bola de volta, ao que o Homem de Ferro respondeu: "não, até que você abra a minha porta." Então o príncipe disse: "não, isto eu não posso porque meu pai proibiu."

Na manhã seguinte a cena se repete tal qual a anterior. Mas na terceira manhã, o príncipe chega até a jaula dizendo ao Homem de Ferro: "mesmo que eu quisesse, não poderia abrir a porta, pois eu não tenho a chave." Ao que o homem selvagem respondeu: "ela está debaixo do travesseiro de sua mãe e você pode pegá-la se quiser." Assim o príncipe, querendo muito sua bola de volta, pegou a chave e libertou o homem selvagem. Quando a porta da jaula abriu, o menino apertou o seu dedo. O Homem de Ferro, então, devolveu a bola e fugiu. Quando o menino se deu conta disso chamou o homem selvagem dizendo: "homem selvagem, não vá embora ou baterão em mim!"

O homem então voltou e, colocando o menino em seus ombros, encaminhou-se para a floresta a passos largos. Tão logo o rei chegou e viu a jaula vazia, perguntou à rainha o que havia acontecido. A rainha, então, chamou seu filho, mas ninguém respondeu. Então o rei mandou as pessoas irem procurá-lo nos campos, mas ninguém o encontrou. Diante disso o rei imaginou o que havia acontecido, e uma grande tristeza tomou conta do reino.

Enquanto isso, o homem selvagem atingia seus antigos domínios e, colocando o menino no chão, disse-lhe: "Quanto a seu pai e sua mãe, você nunca mais os verá novamente, mas eu o mantereí comigo, pois você me libertou. Por isso eu tenho pena de você, e se você fizer tudo que eu disser, será bem tratado, pois eu tenho muitos tesouros e dinheiro, na verdade, mais do que qualquer um no mundo."

Esta noite o Homem de Ferro deixou o príncipe dormir em um macio leito de musgo e, na manhã seguinte o levou até um poço e disse: "Veja, esta água dourada é brilhante e clara como um cristal, por isso você deve sentar e cuidar para que nada caia nela, ou ela será desonrada. Sempre ao final do dia eu virei para ver se você obedeceu às minhas ordens."

Assim o menino se sentou na margem do poço, mas o seu dedo começou a doer e, para aliviar a dor, ele o colocou na água. Ele rapidamente o tirou, mas veja, o dedo estava dourado. Apesar da dor ele esfregou o dedo, mas foi em vão, pois o ouro não saiu. Quando o Homem de Ferro retornou, perguntou ao menino: "O que aconteceu ao meu poço?", "Nada, nada", respondeu o menino, escondendo o dedo nas costas. Mas o homem disse: "você mergulhou o dedo na água, desta vez eu o perdoarei, apenas cuide para que isto não aconteça novamente."

No dia seguinte o menino reassumiu o seu posto ao nascer do sol. Mas logo seu dedo começou a doer novamente, mas desta vez ele o esfregou na cabeça, arrancando, acidentalmente, um fio de cabelo, o qual caiu na água. O menino pegou o cabelo rapidamente, mas ele havia se transformado em ouro. Mais tarde, o Homem de Ferro retornou consciente do que havia

acontecido. "Você deixou um fio de cabelo cair no poço", disse ele ao menino. Mas, mais uma vez eu desculparei sua falta, só que, se isto acontecer novamente, o poço será desonrado e você não poderá permanecer comigo."

Na terceira manhã, o menino tomou o seu lugar novamente e não moveu mais o seu dedo, apesar da dor. Entretanto, o tempo passava tão devagar que ele sentiu vontade de ver sua face refletida na água. Mas quando ele se abaixou, o seu cabelo caiu no poço. Rapidamente ele levantou a cabeça, mas seus cabelos foram transformados em ouro e reluziam à luz do sol. Você pode imaginar o quanto assustado o pobre menino ficou! Assim, ele tomou o seu lenço e o amarrou envolta da cabeça para que ninguém pudesse ver-lhe o cabelo. Mas, assim que o Homem de Ferro retornou, falou ao menino: "desamarre seu lenço!", pois ele sabia o que havia acontecido. Então, o cabelo dourado caiu sobre os ombros do rapaz, que em vão tentou se desculpar. "Você não passou na prova", disse o Homem de Ferro, "e não deve mais permanecer comigo. Vá para o mundo, e lá você verá como é a pobreza. Mas, porque o seu coração é inocente e eu gosto de você, lhe garantirei um favor: quando você tiver em dificuldades venha até esta floresta, chame meu nome e eu virei ajudá-lo. Meu poder é grande e eu tenho ouro e prata em abundância."

Após ter sido reprovado nas provas a que lhe propôs o Homem de Ferro, o príncipe foi expulso da floresta e devolvido ao mundo. Mas ele não voltou para o castelo de seus pais, seguiu pelo mundo em busca de seu destino, viajando por estradas difíceis atrás de seu sustento.

Finalmente, ele encontrou trabalho na corte de um rei. Como não havia aprendido nada que fosse de útil, o cozinheiro o tomou como seu auxiliar. Ali ele tinha de catar lenha, apanhar água para o fogo e depois limpar as cinzas. Um dia nosso herói foi encarregado de levar um prato até a mesa do rei, e como não queria que seu cabelo dourado fosse visto, entrou na sala do trono com um boné na cabeça. "Quando você vier até a mesa real", exclamou o rei assim que viu o menino, "você deve tirar seu boné." "Ah, sua majestade", respondeu o príncipe, "eu não devo, pois tenho uma terrível doença em minha cabeça."

Então o rei chamou o cozinheiro a sua presença e o repreendeu por ter tomado tal jovem a seu serviço. Por fim, ordenou que o cozinheiro dispensasse o rapaz. Como o cozinheiro teve pena dele, trocou-o pelo menino do jardineiro. Agora o príncipe tinha que plantar e semear, cavar e limpar o pátio, não importando o tempo, a chuva ou o vento.

Em um dia de verão, ele estava trabalhando quando tirou seu boné para refrescar a cabeça. Neste momento, o sol brilhou em seu cabelo e seu brilho foi refletido no espelho do quarto da princesa. Ela correu para ver o que tinha provocado tal reflexo, e, vendo o rapaz do jardineiro, chamou-o para lhe trazer um buque de flores. O príncipe, então, tomou um ramalhete de flores do campo e o levou à princesa. Chegando aos aposentos da princesa, ela lhe ordenou que tirasse o boné, ao que ele responde dizendo que sua cabeça é muito feia de se ver. Mesmo assim ela tirou o boné, e sua enorme cabeleira dourada lhe caiu sobre os ombros. O rapaz tentou fugir, mas a princesa o deteve e lhe deu um punhado de moedas, as quais o príncipe deu aos filhos do jardineiro, pois ele desprezava dinheiro. Esta cena se repetiu mais duas vezes, entretanto a princesa não mais conseguiu lhe tirar o boné.

Em seguida, o reino entrou em guerra, e o rei reuniu todo o seu povo para lutar, pois o inimigo era muito poderoso e tinha um imenso exército. O rapaz, então, pediu um cavalo para ir à batalha, mas, sendo ainda muito pequeno, os outros não o levaram a sério e lhe deram um cavalo coxo. Assim, ele foi com seu cavalo até a floresta e lá chamou pelo Homem de Ferro, tão alto que as árvores ecoaram. Logo que o Homem de Ferro apareceu e perguntou o que ele queria, o príncipe respondeu: "eu desejo um cavalo forte, pois vou para uma batalha". Isto você terá", respondeu o homem selvagem, "e até mais do que você deseja". E vindo por entre as árvores apareceu um pajem trazendo um cavalo feroso e impetuoso. Atrás do garanhão apareceram uma tropa de guerreiros, todos vestidos de ferro, com espadas que brilhavam à luz do sol. O príncipe desmontou seu cavalo coxo e montando o garanhão foi para a batalha a frente de sua tropa. Chegando lá encontrou o exército do rei quase vencido. Então, o jovem príncipe caiu sobre seus inimigos como uma tempestade de granizo, exterminando-os a todos.

Mas ao invés de levar sua tropa diante do rei, ele voltou à floresta e devolveu tudo ao Homem de Ferro, tomando novamente para si seu cavalo coxo e voltando para o castelo, sem que ninguém soubesse de seus feitos.

Algum tempo depois, o rei promoveu um grande festival, na expectativa de que o cavaleiro que salvara o reino aparecesse. O festival deveria durar três dias, em cada um dos quais a princesa lançaria uma maçã de ouro que seria disputada pelos cavaleiros. Diante dessa situação, o príncipe foi até o Homem de Ferro e pediu condições para que pudesse conquistar as maçãs de ouro. Assim, no primeiro dia, o Homem de Ferro vestiu o príncipe com uma armadura vermelha e lhe deu um cavalo avermelhado para montar. Logo que obteve a maçã na disputa com os outros cavaleiros, o príncipe, ao invés de se apresentar ao rei, fugiu.

No segundo dia, o Homem de Ferro vestiu o jovem como um cavaleiro branco e lhe deu de montaria um cavalo branco. Novamente, somente ele pôde obter a maçã de ouro. O rei ficou furioso quando o cavaleiro fugiu com o prêmio pela segunda vez, e proclamou que no dia seguinte, se o cavaleiro se recusasse a se apresentar, seria perseguido e morto.

No terceiro dia, o príncipe recebeu do Homem de Ferro uma armadura negra e um garanhão negro, e, novamente, conquistou a maçã quando ela foi jogada. Ele foi perseguido, e um dos perseguidores chegou tão perto que conseguiu feri-lo com a ponta da espada. Em sua fuga o cavaleiro negro deixou cair seu elmo e sua cabeleira dourada foi vista. Os cavaleiros, então, retornaram e contaram ao rei o que tinham visto.

No dia seguinte a princesa perguntou ao jardineiro sobre seu menino, este respondeu que o rapaz estava no festival, e que ontem à noite retornou e deu para seus filhos três maçãs de ouro que ele ganhou lá. Quando o rei soube disto mandou que o jovem fosse trazido a sua presença, e ele apareceu como costumava andar, com seu boné na cabeça. Mas a princesa veio até ele e lhe tirou o boné, e seus cabelos dourados caíram sobre seus ombros. Ele pareceu tão bonito que todos ficaram impressionados. Então o rei perguntou: "Você é o cavaleiro que apareceu no festival usando cada dia uma cor diferente e que ganhou as três maçãs de ouro?", "Sim", ele retrucou, "e estas são as maçãs", e assim dizendo ele tirou-as de sua bolsa e entregou-as ao rei. "Se você quiser outra prova", continuou ele, "eu lhe mostrarei o ferimento

que os seus me fizeram quando eu fugia; mas eu sou também o cavaleiro que obteve a vitória sobre seus inimigos.". "Se você pôde fazer estes feitos", disse o rei, "você não é um jardineiro, diga-me, quem é seu pai?". "Meu pai é um poderoso rei, e ouro eu tenho não só o quanto eu deseje, mas muito mais do que pode ser imaginado", disse o jovem príncipe. "Eu reconheço", disse o rei, "que estou em débito com você, posso fazer alguma coisa para demonstrar isto?". "Sim, se você me der sua filha como esposa!", replicou o jovem. A princesa sorriu e disse: "ele não fez rodeios, eu tinha visto há muito tempo que ele não era um simples menino do jardineiro por causa de seu cabelo dourado", e com essas palavras ela se aproximou e beijou-o.

Assim foi celebrado o casamento, e para ele vieram os pais do príncipe, que há muito tempo tinham dado seu filho como morto. De repente, enquanto todos estavam na festa, uma música foi ouvida, as portas se abriram e um magnífico rei entrou, seguido de uma enorme corte. Ele se aproximou do príncipe, abraçou-o e disse: "Eu sou o Homem de Ferro, que você salvou de sua natureza selvagem, todos os tesouros que me pertencem são, daqui em diante, sua propriedade!"



A BOLA DE CRISTAL – Conto dos Irmãos Grimm

Houve, uma vez, uma feiticeira que tinha três filhos, os quais se amavam extremosamente. Mas a velha não confiava neles e vivia a desconfiar de que pretendiam expropriá-la. Então transformou o mais velho numa águia, a qual tinha de viver nos píncaros rochosos e só, às vezes, era vista descrevendo grandes círculos no espaço, descendo e subindo com as largas asas abertas.

Ao segundo filho, transformou numa baleia que vivia nas profundezas do mar, podendo ser vista só quando subia à tona e de suas costas saía um repuxo de água que espirrava à grande altura. Foram concedidas, aos dois, apenas duas horas por dia, nas quais poderiam retomar seu aspecto humano.

O terceiro filho, temendo que a mãe o transformasse, também, nalgum animal feroz, urso ou lobo, fugiu de casa às escondidas. Ele ouvira contar que no castelo do Sol de Ouro havia uma princesa encantada, que aguardava a sua libertação; mas se alguém tentasse libertá-la arriscaria a vida. Vinte e três rapazes já haviam perecido deploravelmente; ainda um podia apresentar-se e, depois desse, mais ninguém.

Sendo um rapaz destemido e arrojado, resolveu ele procurar o castelo do Sol de Ouro. Depois de andar muito tempo, sem conseguir encontrá-lo, foi parar numa grande floresta; tendo-se extraviado, não sabia como sair dela. De repente, avistou ao longe dois gigantes acenando-lhe com a mão e, quando se aproximou, disseram-lhe: "Estamos brigando por causa de um

chapéu; queremos saber a quem de direito deve pertencer. Como somos os dois de igual força, nenhum pode vencer o outro. Os homens pequenos são mais inteligentes do que nós, por isso pedimos que tu decidas". "Como é possível engalfinhar-se assim, por causa de um simples chapéu?", disse ele. "É que não conheces as propriedades que possui; esse é um chapéu mágico; quem o põe na cabeça, chega, no mesmo instante, a qualquer lugar que deseje". "Dai-me um pouco esse chapéu!", disse o rapaz, "vou andar até àquela distância e, quando vos chamar, correi os dois juntos; quem chegar primeiro ganhará o chapéu." Pegou o chapéu, botou-o na cabeça e foi andando, andando. Mas, pensando sempre na princesa, exalou um suspiro do fundo da alma e murmurou: "Ah, quem me dera estar no castelo do Sol de Ouro!". Mal lhe saíram da boca essas palavras, eis que se achou no cume de uma montanha, bem em frente à porta do castelo. Sem hesitar, penetrou no castelo e foi atravessando todos os aposentos até chegar a uma sala onde estava a princesa. Mas, como se espantou ao vê-la! Tinha o rosto de uma cor cinzenta e cheio de rugas, os olhos torvos e os cabelos vermelhos. Sem se poder conter, exclamou: "Então, sois vós a princesa cuja beleza é exaltada no mundo inteiro?". "Oh", respondeu ela, "esta não é a minha fisionomia real! Os olhos humanos só podem me ver assim deformada, mas, se queres saber como sou realmente, olha naquele espelho, ele não engana e te mostrará a minha verdadeira imagem."

Assim dizendo, apresentou-lhe um espelho e o rapaz, olhando para ele, viu refletida a imagem da mais linda moça que pudesse existir no mundo. E viu lágrimas de intenso sofrimento escorrendo-lhe pela face. Então perguntou: "Que posso fazer para te libertar desse encanto? Dize, pois eu não temo coisa alguma." A princesa disse-lhe: "Quem conseguir apoderar-se da bola de cristal e apresentá-la ao feiticeiro, anulará o seu poder e eu readquirirei o meu verdadeiro aspecto". Mas acrescentou: "Muitos já encontraram a morte por tê-lo tentado! Lamento, imensamente, que tu, tão jovem, queiras expor-te a tão graves perigos". "Nada poderá deter-me", respondeu o rapaz, "dize-me, porém, que devo fazer para me apoderar da bola de cristal". "Já vais saber tudo", disse a princesa, "Se quiseres descer a montanha onde está o castelo, lá embaixo, perto de um manancial, encontrarás um feroz bisão, com o qual terás de lutar. Se conseguires matá-lo, sairá dele um pássaro de fogo, voando, o qual tem no corpo um ovo incandescente; nesse ovo, no lugar da gema, está a bola de cristal. Mas o pássaro não deixa cair o ovo se não for violentamente obrigado a isto; além disso, se o ovo cair no chão, quebra-se e incendeia tudo à sua volta, destruindo-se no fogo juntamente com a bola de cristal; de maneira que, nesse caso, todo o teu trabalho terá sido inútil".

O rapaz desceu até ao manancial onde se encontrava o bisão, o qual o recebeu bufando e resfolegando, ameaçador. No mesmo instante, travou-se entre os dois uma tremenda luta e o rapaz conseguiu enterrar-lhe a espada no ventre, prostrando morta a terrível fera. Imediatamente saiu voando o pássaro de fogo, procurando elevar-se no espaço; mas a águia, que era o irmão do rapaz, chegou nesse momento através das nuvens, investiu contra o pássaro e com o bico adunco empurrou-o para o mar. A ave, vendo-se em perigo, deixou cair o ovo. Mas o ovo não caiu no mar; caiu sobre uma choupana de pescadores situada na praia. Caíndo em cima dela, imediatamente se elevou uma nuvem de fumaça e ateou-se o fogo; então se elevaram no mar ondas da altura de uma casa, despejaram-se sobre a choupana e extinguíram o fogo. Fora obra do outro irmão, transformado em baleia, que, vendo o fogo, sublevara as ondas. Depois de extinto o incêndio, o rapaz foi em busca do ovo e, por grande

sorte, o achou. Não tivera tempo de derreter-se, mas a casca incandescente, esfriada repentinamente pela água gelada, partira-se toda. Assim lhe foi possível extrair a bola de cristal.

Quando, finalmente, foi ter com o feiticeiro e exibiu a bola de cristal ao seu olhar, o bruxo disse-lhe: "Meu poder está anulado; de hoje em diante serás o rei neste castelo do Sol de Ouro. E tens poder, também, de restituir a teus irmãos a forma humana." Então o rapaz correu para junto da princesa e, ao entrar na sala em que se achava, ela surgiu-lhe pela frente em todo o esplendor de sua radiosa beleza. Cheios de alegria, trocaram as alianças que os devia unir e viveram na mais perfeita felicidade.



A PRINCESA DO CASTELO EM CHAMAS – Imãos Grímm Conto da Transilvânia, Romênia

Era uma vez um homem que tinha tantos filhos quantos furos tem uma peneira. Todos os homens da aldeia já eram seus compadres. Ao nascer-lhe mais um filho, sentou-se na estrada para pedir ao primeiro transeunte que fosse padrinho da criança. Vinha, então, descendo a estrada um velho com um manto cor de cinza, ao qual ele fez o pedido e aceitou com prazer.

Seguiram juntos o caminho e o velho ajudou a batizar a criança. Deu então, de presente ao pobre, uma vaca e um bezerro nascido no mesmo dia em que seu afilhado. O bezerro tinha na testa uma estrela dourada e deveria pertencer ao menino. Quando o menino cresceu, o bezerro se havia tornado um enorme touro, e juntos iam ambos todos os dias ao pasto. O touro sabia falar e, quando chegavam ao topo da montanha, dizia ao menino: "Fica aqui e dorme. Enquanto isso, vou procurar meu pasto." Assim que o pastor dormia, o touro corria como um raio até o grande pasto celeste e comia flores douradas de estrelas. Quando o sol se punha, ele voltava para acordar o menino, e iam, então para casa.

Isto se repetiu todos os dias até o menino alcançar a idade de vinte anos. Um dia, disse-lhe o touro: "Senta-te agora entre os meus chifres e eu te levarei até o Rei. Pede-lhe uma espada de ferro do tamanho de sete varas e dize-lhe que queres salvar sua filha." Logo eles estavam no castelo real. O pastor desceu e foi ter com o Rei; este lhe perguntou o motivo de sua vinda. Após ouvir a resposta, deu-lhe com prazer a espada desejada, mas sem muita esperança de poder rever sua filha. Muitos jovens audaciosos tinham em vão ousado libertá-la. Ela fora raptada por um dragão de doze cabeças, que morava muito, muito longe. Ninguém podia chegar até lá, pois no caminho para seu castelo encontrava-se uma serra imensamente alta, intransponível, e, mais além, um grande mar bravio. Adiante dele morava o dragão, em seu

castelo de chamas. Mesmo se alguém conseguisse transpor a serra e o mar, ninguém lograria passar pelas chamas poderosas, e, mesmo tendo-as vencido, teria sido morto pelo dragão. Quando o pastor obteve a espada, montou novamente entre os chifres do touro, e num instante eles se encontraram diante da serra imensa. "Podemos voltar", disse ele ao touro, pois achava impossível transpô-la. O touro respondeu-lhe: "Espera apenas um instante!" E desceu o rapaz ao chão. Mal tinha feito isso, deu um impulso e moveu, com seus chifres poderosos, a serra inteira para o lado, e eles puderam seguir em frente. O touro assentou o pastor novamente entre os chifres, e logo eles alcançaram o mar. "Agora podemos voltar", disse o jovem, "pois ali ninguém consegue passar". "Espera apenas um instante", retrucou-lhe o touro, "e segura-te bem em meus chifres." Então inclinou a cabeça até a água e bebeu o mar inteiro, e assim prosseguiram eles em chão seco, como sobre um gramado. Logo chegaram ao Castelo de Chamas. Mas, já de longe, sentiram um calor tão imenso que era quase insuportável ao rapaz.

"Pare", gritou ele ao touro, "não vás em frente, senão vamos morrer queimados!" O touro, porém, correu até bem perto e cuspiu de uma vez por sobre as chamas o mar que havia bebido, e elas rápido se apagaram. E logo uma fumaça enorme se elevou, enevoando todo o céu. Então, do vapor medonho, saltou o dragão de doze cabeças, enraivado. "Agora é tua vez", disse o touro a seu amo. "Vê se consegues cortar todas as cabeças do monstro de um só golpe." Ele juntou toda a sua força, tomou a espada poderosa com as mãos e golpeou tão rapidamente o monstro que todas as cabeças rolaram ao chão. O animal se contorceu e se debateu contra a terra com tal força que ela tremeu. O touro apanhou o corpo do dragão com seus chifres, arremessando-o às nuvens, e nada mais se viu dele. O touro disse ao pastor: "Minha tarefa chegou ao fim. Vá até o castelo, e lá encontrarás a princesa. Leve-a de volta a seu pai." Tendo dito isto, correu para o gramado celeste, e o rapaz nunca mais o viu.

O jovem se dirigiu ao castelo, onde encontrou a princesa, que se alegrou muito por estar livre do terrível dragão. Regressaram ambos então ao país da princesa, onde se casaram, e uma enorme alegria invadiu todo o reino.



MICAEL E AS CRIANÇAS-ESTRELAS - Corinne Batzell – Tradução Beartiz Retz, adaptação Karen Stasch

Havia uma vez 20 (o número de crianças na classe) maravilhosas crianças que moravam nas estrelas. Uma por uma destas crianças fez uma longa jornada sobre a ponte do arco-íris e desceu para a Terra. Elas trouxeram das estrelas sementes, bulbos e raízes para plantar na Terra e fazer dela um lugar bonito e bom.

Elas cavaram a terra e plantaram as sementes, os bulbos e as raízes. Molhavam os canteiros quando estavam secos e cuidavam para que ninguém pisasse onde as sementes, os bulbos e as raízes tinham sido plantados. Olhavam para que as ervas daninhas não crescessem perto deles e bloqueassem a luz do sol. Assim que os pequeninos brotinhos verdes colocavam seus narizinhos para fora da terra, o sol os esquentava e as crianças-estrelas cuidavam deles com muito carinho.

Mas havia um dragão terrível que andava sobre a Terra e um dia ele veio para o jardim onde as crianças-estrelas plantaram suas sementes, seus bulbos e raízes.

O dragão não gostava de ver plantas tão lindas chegando na Terra. Ele ficou muito bravo e começou a cuspir fogo por todo jardim. Os pequenos brotinhos verdes, que estavam crescendo lindos e com tanto cuidado, começaram a secar e se tornaram amarelos e feios.

As crianças-estrelas não sabiam o que fazer. Elas estavam muito tristes, pois os presentes que trouxeram para a Terra estavam sendo destruídos pelo dragão.

De repente uma luz dourada inundou o jardim. Era um cavaleiro numa armadura brilhante montando um lindo cavalo branco. Em suas mãos estava uma espada dourada. Era São Micael.

O cavaleiro lutou com o dragão até ele ficar tão fraco que caiu aos pés do cavaleiro, prometendo ser seu servidor. São Micael voltou-se para as crianças e sorriu para elas e para o jardim. Nas plantas começaram a crescer folhas novinhas e brotos e as crianças correram para levar-lhes água.

São Micael deu a cada criança-estrela uma capa dourada e lhes disse que estas capas douradas as protegeriam sempre que trabalhassem ajudando a tudo que cresce na Terra. As crianças-estrelas colocaram suas capas douradas e cuidaram de seu jardim.

As plantas cresceram e deram flores, e as flores enfeitaram a Terra, surgindo assim a primavera!



ONDE NENHUMA LUZ BRILHA - Conto anônimo

Era uma vez um camponês mau, rude e preguiçoso, que por nada se zangava e batia em sua pobre mulher e em seus filhos.

Um dia São Micael resolveu que deveria fazer alguma coisa por aquela pobre família e chamou um de seus anjos, dizendo:

- Querido anjo... há um homem muito mau lá na Terra e eu gostaria muito que você fosse até lá para torná-lo melhor. Terá o prazo de um ano para fazer seu trabalho. Eu lhe darei um chapeuzinho vermelho e você deixará suas asinhas aqui comigo. Nunca o perca, pois, caso contrário, não poderá retornar ao céu.

O anjinho obedeceu São Micael e foi para a Terra como uma mocinha, de nome Cristina. Foi diretamente à casa dos camponeses e bateu à porta: Toc, toc, toc...

- Boa mulher, você me aceita como empregada para ajudar-lhe?

- Mas eu não posso pagá-la, boa menina.

- Não quero dinheiro, quero apenas comida e um cantinho para dormir. Posso ficar aqui durante um ano.

A mulher ficou contente, pois ela estava muito cansada. Tinha muitos filhos pequenos, tanta roupa para lavar, tantos pães para fazer, ... A mulher convidou Cristina para entrar e deu-lhe um grande avental para cobrir seu vestido branco. Em pouco tempo operou-se uma grande mudança. Tudo ficou em ordem.

Quando o camponês chegou em casa, depois de um dia de trabalho, encontrou a casa mudada. Os filhos limpos, a comida pronta e sua mulher cantando. Do que poderia se queixar?

De nada... não podia zangar-se com sua mulher e filhos, pois tudo estava em ordem. Pouco a pouco, ele foi ficando bom, calmo e amável. Quando, às vezes, ele se zangava, Cristina começava logo a cantar, tão suave como um anjo, que o velho rabugento acabava se calando de vergonha.

A beleza e a bondade de Cristina afastavam a feiura do camponês e toda tristeza daquela casa. Mas alguém não estava nada contente com o que acontecia. Quem? O Demônio. Ele começou a perceber que estava perdendo a alma do camponês para o Anjo Micael e isto ele não ia deixar acontecer. Decidiu agir logo.

- Ah, Micael mandou um de seus anjos, pois bem, eu também mandarei um de meus demônios. E começou a confusão. Pratos caíram e quebravam-se, ovos voavam de cá para lá, quebrando-se no chão, beliscões nos irmãos fazendo-os brigarem entre si... Cristina bem sabia do que se tratava e, docemente se pôs a cantar e a limpar o chão e as paredes.

O demônio não desistiu... derrubava o leite, as crianças. Cristina também era firme e não parava de cantar. O demônio se cansou finalmente, e ficou observando Cristina. E disse: "Como é linda, como é meiga, como é bondosa, como sua voz é suave!"

Logo ele começou a detestar a ideia de ficar longe da beleza de Cristina e voltar para a escuridão, para o feio inferno. O tempo foi passando e o ano chegou ao fim.

Disse Cristina:

- Agora devo voltar para o céu. Adeus diabinho...

- Não me deixe, leve-me com você...

Cristina já se afastava quando sentiu grande pena do diabinho. Voltou e, tirando o seu chapeuzinho vermelho, entregou-o ao diabinho dizendo:

- Tome meu chapeuzinho, com ele entrará no céu em meu lugar.

O incrível aconteceu. O diabinho começou a mudar e um coração bateu dentro de seu peito. Olhou para Cristina ali parada, tão boa, tão meiga, tão bonita, ... tirou o chapeuzinho vermelho da cabeça e disse:

- Onde você estiver, aí estará o céu, e eu estarei com você. Assim os dois ficaram na Terra ajudando as pessoas necessitadas.

Micael olhou do céu e sorriu.



A ESPADA DE LUZ - Christiane Kutik – Tradução Karín E. Stach

O arcanjo Micael monta guarda no portal do céu. Com sua balança ele pesa o Bem contra o Mal. Com sua espada ele afasta o Mal.

Faz muito tempo, um enorme dragão quis levantar-se contra os anjos e atrapalhar o sossego no céu. Ele tinha um corpo feio, coberto de verrugas, uma grande cauda escamosa e uma boca enorme. Bufando, ele se acercou do portal do céu e cuspiu fogo no anjo-guardião. São Micael elevou sua Espada de Luz e derrubou com força o dragão que caiu na Terra.

O dragão não estava morto, mas demorou bastante tempo, até que pudesse mover-se novamente. Suas asas, ele havia perdido na luta contra São Micael. Só conseguia mover-se rastejando pelo chão. Com muito esforço arrastou-se para cima de uma montanha e olhou em volta.

Quando o monstro viu tantas pessoas que trabalhavam alegremente, cantavam e riam, ele fungou satisfeito: "Se já não me é possível fazer mal aos anjos, irei dificultar a vida dos homens". Escondeu-se numa caverna nas cercanias. Vapores venenosos saíam da sua boca e empestevam o ar.

Daquele dia em diante a vida dos homens começou a mudar. Era cada vez mais raro ouvi-los cantando ou rindo. Brigavam e gritavam uns com os outros por qualquer razão. Trabalhavam sem alegria. A inveja crescia como uma serpente em seus corações e fazia-os maus.

Um dia chegou um cavaleiro naquela região devastada pelo dragão. Ele era um homem piedoso e honesto, que já havia viajado muito pelo mundo. Ele já havia vivenciado muitas coisas, mas nunca havia encontrado tantos rostos fechados e insatisfeitos como aqui. Trancaram as portas, quando o viram de longe. Ninguém quis responder ao seu amável cumprimento. Nem as crianças faziam aquelas alegres brincadeiras como ele havia visto em outras regiões.

O estrangeiro ficou com o coração apertado. Ele continuou cavalgando e viu belos campos de cereais, pastos verdes em que o gado pastava e árvores cheias de frutas. Não parecia haver razão para sofrimento. O que será que havia amargurado assim o coração daqueles homens?

De noite o cavaleiro chegou à aldeia. Apeou de seu cavalo para perguntar por um lugar em que pudesse passar a noite. Bateu numa porta e esperou. Bateu novamente. Havia vozes, mas ninguém veio abrir. E, também, nas outras casas as portas ficaram fechadas.

Enquanto isso, havia escurecido totalmente. Sem encontrar albergue, o cavaleiro deixou a aldeia para trás de si. Entrou num bosque e quis procurar um lugar protegido para passar a noite. Percebeu aí uma luz tênue entre as árvores. O estrangeiro acercou-se e reconheceu uma pequena cabana. Será que lá haveria alguém que o deixaria entrar? Bateu à porta. A porta se abriu. Um eremita olhou para fora e surpreso perguntou: "Quem é você e o quê busca neste lugar abandonado por Deus?". "Sou um cavaleiro e procuro um albergue para passar a noite", respondeu o homem. "Fico muito contente, entre, por favor!", disse o velho. Ele estava feliz por ver novamente um ser humano. Antigamente, passavam muitos estrangeiros por aqui, mas isto foi há muito tempo. O cavaleiro ficou atento e perguntou por quê. O eremita contou: "Um grande desgosto caiu sobre nós. Há um dragão numa caverna atrás das montanhas. Com seu hálito de fogo envenenou o ar. Desde que ele se escondeu por lá, os homens ficaram maus. Cada um só pensa em si. Muitos cavaleiros fortes e corajosos tentaram matar o monstro, mas nenhum voltou da batalha. O dragão ainda vive!"

O cavaleiro escutou a história e olhava repetidamente para a parede. De onde provinha a espada, lá pendurada? À luz da tocha, que iluminava o aposento, ela brilhava dourada. Diferente de sua própria espada que desde a última luta estava tão torta e quebrada que já não servia para mais nada. O eremita adivinhou seus pensamentos e disse: "Esta espada foi deixada aqui por um cavaleiro. Ele foi o último que quis lutar contra o dragão, mas depois perdeu a coragem. Ele nem foi à luta".

O velho se levantou para preparar um leito para seu hóspede e foi descansar também. O estrangeiro ficou pensando em tudo aquilo que havia vivenciado naquele dia. Ele gostaria de ajudar os homens, mesmo que fosse custar sua vida. Depois de ter finalmente adormecido, ele teve um sonho. São Micael resplandecente surgiu a sua frente e disse: "Você é honesto e sem temor. Você pode ajudar os homens e vencer o monstro. Cuide-se, o dragão é forte. Espadas feitas com metais da terra não têm o poder suficiente para vencê-lo. Com a minha espada de luz eu vou ajudá-lo, quando me chamar!"

Quando o cavaleiro acordou, sentia-se forte e corajoso. Agradeceu ao eremita pela hospedagem e pediu que lhe descrevesse o caminho para a caverna. Pediu a espada da parede

e cavalgou na direção indicada. Ao pôr – do –sol chegou lá. Logo se ouviu um estrondo enorme, e o vapor do enxofre encheu o ar. Quando apareceu o dragão, o cavaleiro vacilou, mas então lembrou-se do sonho. Chamou São Michael e pediu-lhe ajuda. Sentiu neste momento que o Arcanjo estava atrás dele. Ele lhe ajudou com a força da espada da luz a vencer o monstro. Quando o dragão ficou morto no chão, os homens daquela terra ficaram livres da atuação maléfica que ele espalhava inveja e maldade, caíram deles como se fossem máscaras. Os homens correram para a caverna. Queriam agradecer ao herói o seu feito corajoso, mas o cavaleiro disse: “Eu sozinho não teria vencido o dragão. São Micael ajudou-me com sua espada de luz.

(Extraído da Revista Nós - Época de Micael 2006 – EWRS)



AS BODAS DO FILHO DO REI - Irene Johanson

COMO OS CONVIDADOS CHEGARAM AO BANQUETE NUPCIAL

Era uma vez um rei cujo reino era tão vasto que uma vida não bastaria para percorrê-lo de ponta a ponta. Morava em um belo palácio onde havia inúmeros aposentos e salões. O Palácio tinha também uma torre, e nesta torre havia uma sala onde somente o rei tinha permissão para entrar. Lá no Palácio havia também uma escada secreta que conduzia a uma porta. E sabia o que havia atrás dela.

O rei tinha um filho a quem muito amava. E chegou o dia em que seu filho ia se casar. Fizeram ser os preparativos da festa, as mulheres e as servas limpavam e ornamentarão todo o Palácio para o banquete das bodas. Os servos visitaram as cidades e aldeias do reino, passando por todas as ruas e caminhos, convidando todas as pessoas que encontravam para festa das bodas do filho do rei. E muitos vieram.

Enquanto isso, o rei desceu a escada secreta de seu palácio e abriu a porta. Uma brilhante claridade irradiava do seu interior, e no meio desta luz havia um vulto vestido com uma armadura de ouro, segurando uma espada na mão. O vulto achava-se diante de um grande armário aberto, onde se viam guardadas muitas túnicas alvíssimas. “Chegou a hora”, disse o rei. “Preparei a festa das bodas do meu filho e muitas pessoas foram convidadas por meus mensageiros de todos os cantos do meu reino. Mas antes de entrarem no salão todos os convivas desceram até aqui para que você meu fiel guardião, entregue a cada um uma túnica nupcial e assim compareçam a festa com dignamente preparados”.

E assim se fez. Todas as pessoas desceram a profundidade escura da terra, transpuseram a porta para a luz e receberam do guardião uma túnica Alva. Somente um dos convivas, no entanto,

não quis descer a escada íngreme, pois achava penoso percorrer tanto os degraus. Foi ficando para trás dos outros e, sorrateiramente, esgueirou-se para dentro do salão de festa através da porta entreaberta, assim mesmo como estava: em traje comum, de mãos sujas e poeira no calçado. Depois dele, entraram todos os outros convidados, homens e mulheres em trajes de festa reunindo-se no salão real. Por fim entrou o rei, que vinha dar as boas-vindas aos seus convidados. Cumprimentou a todos e chegou a vez daquele que, entre todas as pessoas festivamente trajadas, chamava bastante atenção. Ele mesmo percebeu, pois que todos olhavam para ele pensando: "Como entrou aqui tão sujo e despreparado?". O que todos pensavam, o rei pronunciou em voz alta dizendo: "Amigo, como você entrou aqui e não está vestido com a túnica nupcial?" Pois é, como ele conseguiu entrar!

Assustou-se tanto que nem conseguiu responder. Ficou calado. O rei então disse: "Você ainda não pode ficar aqui, pois somente quem em seus pensamentos e ações serve à verdade pode participar da festa de bodas do meu filho. Você aqui entrou de modo falso e por isso emudeceu. Os grilhões e as trevas serão o seu destino. Só poderá libertar-se quando tiver aprendido agir corretamente". Os servos levaram-no para fora, e então começou a grande festa das bodas do filho do rei.

COMO OS CONVIVAS DA FESTA TORNARAM-SE AJUDANTES DE SÃO MICAEL

Depois de anoitecer, o rei os convida: "Todos vocês que tomaram a ceia junto com meu filho poderão continuar a ser seus amigos, mesmo depois de cada um voltar para o lugar de onde veio. Mas antes de partirem, quero mostrar-lhes como poderão servir meu reino no futuro". Então o rei chamou o guardião. Sua voz ecoou através do palácio como o som de trombetas, chegando até as profundezas da terra. Lá o guardião ouviu o chamado, subiu e apareceu diante das pessoas. "Guardião", ordenou o rei, "mostre a essas pessoas o que é dado ver àqueles que se tornaram amigos do meu filho".

Então o guardião saiu na frente e conduziu as pessoas até a sala da torre, onde até então, somente o rei pudera entrar. Mas agora cada um deles pôde entrar. Lá na torre viram um grande quadro. Não era um quadro pintado, pois tudo nele se movia de verdade. Viram uma mulher, uma mãe carregando uma criança. Tinha o Sol por vestido, e a Lua era uma salva de prata sob os seus pés. Trazia na cabeça uma coroa de doze estrelas. Juntou-se a isto um dragão vermelho-fogo, com sete cabeças e dez chifres. Em cada cabeça tinha uma coroa, pois era o maior entre os dragões. Apareceu diante da mãe querendo devorar a criança. Então a mulher desapareceu com seu filho. As pessoas viram apenas o dragão esbravejando feroz, procurando a criança em toda parte sem conseguir encontrá-la.

Depois de contemplar esta imagem estranha na sala da torre, as pessoas voltaram ao salão real. Lá permaneceram muito tempo em silêncio. Finalmente voltaram-se para o guardião e uma perguntou por todas: "O que se passa com o dragão? Estará ele na terra? A mãe celeste estará em segurança com seu filho divino?" O guardião respondeu: "O dragão continua a persegui-los. Uma vez eu o venci, derrubando-o do céu para a terra. Agora precisa ser vencido também na terra, e para essa luta preciso da ajuda de vocês". "O que devemos fazer?", perguntaram todos.

“Voltem, cada qual pelo caminho que seguiam quando o rei os chamou. O filho do rei tem mais poder do que o dragão e hoje tornou-se amigo de cada um de vocês. Por isso vocês não precisam ter medo do dragão. Mas não se esqueçam da imagem que viram na torre, pois o dragão não deve ser dominado pelo poder das armas, mas cada um de vocês deve transformar-se numa imagem semelhante àquela contemplada. Quem se tornar igual à imagem terá dominado o dragão. Quando o dragão domina, ele é mau, e quando é dominado, tornar-se servo e perde a sua maldade”.

“Como poderemos tornar-nos iguais à imagem celeste, de maneira que o dragão perca suas coroas e seu poder, tornando-se nosso servo e servo do reino?”, perguntaram as pessoas. “Cada um que falar a verdade receberá, um dia, uma coroa de estrelas; cada um que for bom para os outros, um dia estará vestido de Sol; e cada um que agir corretamente ficará, um dia, em pé sobre a salva de prata da Lua. O que vocês viram no céu deverão realizar na terra”, respondeu o guardião.

As pessoas agradeceram ao guardião, ao rei e seu filho por tudo o que tinham visto e ouvido nesta festa de casamento e voltaram, cada um para o seu caminho. Algumas logo esqueceram o que tinham visto. Outras sonhavam à noite com a imagem da mulher, do filho e do dragão vermelho-fogo. Umas poucas guardaram-na em seu coração e tentavam sempre realizar o que o guardião lhes dissera. Estas tornaram-se, assim, seus ajudantes e permaneceram amigas do filho do rei por todo o sempre.



SÃO JORGE E O DRAGÃO – Livro das virtudes

Adaptação de J. Berg Esenwein e Marrieta Stockard - Tradução Ricardo Silveira

“Em algum lugar talvez haja complicações e medo”, diz São Jorge nesta fábula, “antes de lançar-se em busca de alguma tarefa que só um cavaleiro possa desempenhar”. Tais pessoas, que interrompem suas atividades para prestar auxílio a quem necessita, são chamadas por vocês de cavaleiros ou santos; outras vezes, são chamados de professores e pais.

Há muito tempo, quando os cavaleiros habitavam a terra, havia um cujo nome era Dom Jorge. Não era apenas mais corajoso do que os outros; era tão nobre, generoso e bom que as pessoas passaram a chamá-lo de São Jorge.

Os ladrões não ousavam atacar as pessoas que moravam perto de seu castelo, e os animais selvagens eram afastados dali para que as crianças pudessem brincar tranquilas na floresta.

Um dia, São Jorge cruzou o país inteiro em sua montaria. Em todos os cantos, viu homens ocupados na lida dos campos, mulheres cantando enquanto cuidavam da casa e crianças gritando na alegria de suas brincadeiras.

- Essas pessoas estão em segurança e são felizes. Não mais necessitam de mim - disse São Jorge. – Em algum lugar talvez haja complicações e medo. Deve haver alguma região onde as crianças não possam brincar em paz, onde alguma mulher tenha sido levada do seio de seu lar; talvez haja ainda dragões para matar. Amanhã partirei, e deter-me-ei quando encontrar alguma tarefa que só um cavaleiro possa desempenhar.

Na manhã seguinte, bem cedo, São Jorge colocou na cabeça o elmo, vestiu a armadura brilhante e cingiu a espada. Montou no magnífico cavalo branco e cruzou os portões do castelo. Desceu a difícil e íngreme estrada, altivo em sua montaria; perfeito cavaleiro, forte e destemido.

Atravessou o vilarejo ao sopé da colina e saiu cavalgando pelos campos afora. Em todos os lugares, via férteis trigais balouçando ao vento; em todos os lugares, havia paz e abundância.

Continuou em seu caminho, até que afinal chegou a uma parte do país onde ainda não estivera. Percebeu que não havia ninguém na lida do campo. As casas que encontrou estavam silenciosas e vazias. A relva na beira da estrada estava calcinada, como que destruída pelo fogo. O trigo fora pisoteado e queimado.

São Jorge parou a montaria e observou os arredores. Em todos os cantos havia silêncio e desolação.

- Que coisa horrível teria afugentado de casa todos os habitantes desta região? Preciso descobrir e ajudar, se puder – disse ele.

Mas não havia a quem perguntar, e São Jorge prosseguiu até que afinal avistou ao longe as muralhas de uma cidade.

- Aqui, certamente, encontrarei alguém que possa me contar a causa de tudo isto – disse ele e acelerou o passo.

Os enormes portões logo se abriram e São Jorge deparou com uma multidão de pessoas. Muitas choravam, e estavam todas amedrontadas. Ficou uns instantes a observá-las, até que viu sair sozinha uma linda jovem vestida de branco com uma faixa escarlate em volta da cintura. Os portões se fecharam estrondosamente e a moça tomou a estrada, chorando com grande amargura. Ela não percebeu a presença de São Jorge, que cavalgava rapidamente em sua direção.

- Jovem, por que choras? – perguntou ele ao chegar perto. Ela levantou o olhar e deparou com São Jorge, belo e altivo, apumado em seu cavalo.

- Oh Senhor Cavaleiro! – gritou ela – Foge daqui imediatamente. Não sabes o perigo que corres!

- Perigo! – exclamou São Jorge – Achas que um cavaleiro fugiria do perigo? Além disso, tu uma linda jovem, estás aqui sozinha. Acaso pensas que um cavaleiro abandonar-te-ia nessas condições? Conta-me teus problemas, para que possa ajudar-te.

- Não, não! – gritou ela. – Foge daqui! Só irias perder a vida. Há por perto um terrível dragão. Ele pode aparecer a qualquer instante. Uma baforada apenas seria capaz de destruir-te. Foge! Foge depressa!

- Conte-me mais acerca disso tudo - falou São Jorge em tom severo. – Por que estás sozinha aqui para encontrar-te com esse dragão? Não sobraram mais homens na cidade?

- Oh! – exclamou a jovem – Meu pai, o Rei, está velho e debilitado. Só tem a mim para ajudá-lo a cuidar do povo. Esse dragão terrível espantou a todos de suas casas, levou-lhes os rebanhos e destruiu as plantações. Vieram todos agora refugiar-se dentro dos limites das muralhas. Há semanas o dragão vem assolar-nos diante dos portões da cidade. Vemo-nos obrigados a dar-lhe duas ovelhas todas as manhãs. Ontem, não havia mais ovelhas. Então ele ordenou que lhe fosse entregue uma jovem donzela; caso contrário, derrubaría as muralhas e destruiría a cidade. O povo implorou a meu pai, mas ele nada podia fazer. Vou entregar-me ao dragão. Talvez se contente comigo, a Princesa, e deixe nosso povo em paz.

- Mostre-me o caminho, corajosa Princesa. Conduza-me até onde esse monstro se encontra.

Ao ver o brilho nos olhos de São Jorge e o poderoso braço erguendo a espada em riste, a Princesa esqueceu-se do medo. Voltou-se na direção de um pequeno e reluzente lago e o conduziu até lá.

- É ali que se esconde o dragão – sussurrou a Princesa. - Olha a água se mexeu. Ele está acordando.

São Jorge avistou a cabeça do monstro aflorando à superfície. Dobra após dobra, o dragão emergiu por inteiro. Ao deparar-se com São Jorge, soltou um rugido estarrecedor e investiu em sua direção. Expelindo fogo e fumaça pelas narinas, abriu as enormes mandíbulas tentando engolir cavaleiro e montaria.

São Jorge emitiu seu brado e empunhou a espada acima da cabeça, disparando contra o dragão. Rápido e violentos foram seus golpes. A batalha foi terrível!

Finalmente o dragão estava ferido. Soltou um rugido de dor e investiu contra São Jorge, abrindo a enorme boca bem perto da cabeça do cavaleiro.

O cavaleiro estudou o golpe cuidadosamente e o desferiu com toda a força contra a garganta do dragão, que caiu morto aos pés da montaria.

São Jorge, exultante, clamou sua vitória. Chamou a Princesa. Ela se aproximou. - Dê-me a faixa que trazes à cintura, ó Princesa! – disse ele.

A jovem entregou e o cavaleiro a amarrou em torno do pescoço do dragão; os dois, então, o puxaram pela pequenina tira de seda de volta até a cidade, para mostrar ao povo que o dragão não prejudicaria mais ninguém.

Quando avistaram São Jorge trazendo a Princesa em segurança e o dragão morto, todos correram a abrir os portões da cidade e a gritar de alegria.

O Rei ouviu o clamor do povo e deixou o palácio a fim de inteirar-se do ocorrido.

Ao ver a filha sã e salva, mostrou-se o mais alegre de todos.

- Ó audaz cavaleiro! – disse ele. – Estou velho e enfraquecido. Fica e ajuda-me a proteger meu povo contra o mal.

- Ficarei enquanto Vossa Majestade de mim necessitar -respondeu São Jorge.

E passou a morar no castelo e ajudar o velho Rei a cuidar do seu povo; e quando o velho Rei morreu, São Jorge foi coroado sucessor. O povo viveu feliz e em segurança, com um Rei assim tão bravo e bondoso.

MÚSICAS DE SÃO MICAEL PARA CANTAR COM AS CRIANÇAS

Eu crescendo

Eu crescendo, eu crescendo
Sendo forte como o mundo
Eu venço com certeza
O dragão lá no fundo

Eu crescendo, eu crescendo
Sendo forte sem igual
Eu venço com certeza
O feio animal
E a terra e a lua
E as estrelas serão minhas
E o sol também
Há de ao herói pertencer



Hino a São Mícael

São Mícael
Celeste herói
Dai-nos força e coragem
Dai-nos força e coragem
Em nossos corações
Em no-os-sos cora-a-ções



São Mícael

São Míca-a-el
São Mícael, Mícael
Faz brotar nos corações
Força e coragem
Faz brotar nos corações



Hino a São Mícael

São Mícael, São Mícael
Ajuda-nos a dominar este terrível dragão
Sob tuas asas de ouro
Empunhando uma espada de luz
Com o coração radiante
Vamos trevas transpassar
São Mícael! São Mícael!



Herói Celestial

Herói invicto, celestial
São Micael, na luta vem
Nos acolher
Oh! Vem
Lutar e vencer
Conosco São Micael



São Micael

São Micael, São Micael
Queremos contigo na luta estar
Vencer o dragão, dragão do mal
Para podermos na luz brilhar



Micael

Seu manto é de luz, sua espada reluz
E pelos caminhos mais justos ele nos conduz
Com força e coragem em meu coração
Posso dominar e vencer o feio dragão. Micael!



Lua Branca

Naquela lua branca, lutando com o dragão
Está um cavaleiro de grande coração
No alto as estrelinhas, brilhando lá no céu
Contemplam o guerreiro montado em seu corcel



Um Herói eu quero ser

Um herói eu quero ser
Forte, valente e fiel
Levando o bem à Terra
Mensagem de São Micael



Se abre o portal do céu

Se abre o portal do céu
Arcanjo vem, São Micael
Nós te seguimos por onde vais
Brilhante e forte tu serás



RECEITAS PARA COMEMORAR SÃO MICAEL

Lembram-se que lá no começo do nosso material falamos sobre os meteoritos que caem na Terra e que impregnam a atmosfera e as águas de finas partículas de ferro, que são absorvidas pelas plantas, que consumimos como alimento?

O ferro de natureza cósmica é importante no combate a todos os processos inflamatórios, dando-nos resistência, força e coragem.

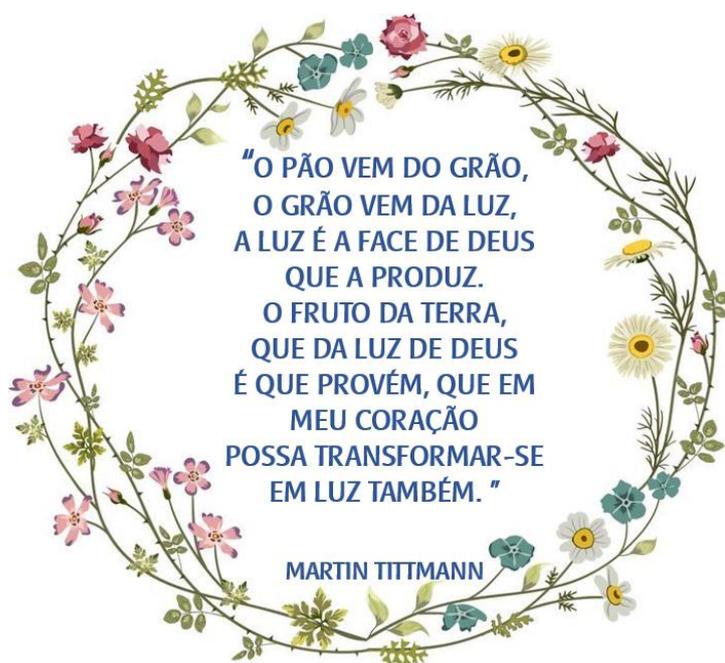
Quanto ao ferro no nosso organismo, ele é responsável principalmente por transportar o oxigênio para as células e por ser elemento essencial ao crescimento.

Podemos encontrar fonte de ferro nos grãos de cereais integrais, nas leguminosas e nas frutas, especialmente as passas, que tanto aparecem nas deliciosas receitas micaélicas. Como fruto da época, de cores intensas e nutritivas, temos o morango e a amora.

Para a primavera que já vai chegar, é hora de moderar o apetite para não perder muita energia com uma interminável digestão. Afinal, já acumulamos o suficiente no outono e no inverno, agora é preciso aliviar e aproveitar a ordem natural das coisas. Se você não sabia, saiba que a primavera é a época do ano que eliminamos naturalmente os excessos, tanto através do suor como de gripes, resfriados e outras mazelas. Os alimentos frescos e os alimentos doces são bem vindos, os muito quentes ou muito frios não. Caem bem todos os cereais desde que em pequena quantidade, assim como as compotas e caldas de frutas da estação sem muito mais açúcar que o da própria fruta.

(fonte: Novos Caminhos de Alimentação, de Gudrum Burkhard, e Manual do Herói, de Sônia Hirsch)

(Trechos extraídos da publicação Cotovia, da Prefeitura de Atibaia – Ano I, nº 03 agosto/2006)



PÃO DE SÃO MICAEL DOCE

INGREDIENTES:

Massa:

2 tabletes de fermento Fleischmann
½ xícara de chá de água morna
500g de farinha de trigo integral
100g de açúcar
150g de manteiga
2 ovos
1 xícara de chá de leite
1 pitada de sal



Recheio:

½ a 1 xícara de chá de sementes de papoula fervida durante 10 minutos em 2 xícaras de chá de leite
1 xícara de chá de açúcar
1 xícara de chá de uva-passa
½ xícara de chá de nozes moídas
100g de manteiga

MODO DE PREPARO:

Dissolver o fermento em um pouco de leite morno, acrescentando um pouco de açúcar e de farinha até formar um mingau. Deixar crescer num lugar quente.

Misturar ao fermento crescido, os outros ingredientes: a manteiga derretida (mas não quente), os ovos em temperatura ambiente, o leite morno e a farinha – o suficiente para formar uma massa homogênea que não grude mais nas mãos nem na mesa.

Deixar crescer outra vez. Abrir a massa com o rolo, colocar o recheio frio e enrolar com cuidado.

O pão poderá ter a forma de um dragão. Para isso, deve-se separar pedaços de massa para fazer a cabeça, as patas e a cauda, rechear apenas o corpo. O pão de dragão poderá receber escamas, olhos, dentes e unhas a partir da criatividade da criança e, claro, de acordo com os ingredientes que tiverem em casa (uvas-passas, damasco, ameixas, amêndoas inteiras ou em lascas, papoulas, linhaça, gergelim, etc.).

Depois de pronto, colocar em assadeira untada e levar ao forno pré-aquecido.

BOLO INTEGRAL DE MAÇÃ

INGREDIENTES:

2 maçãs inteiras descascadas e picadas
As cascas das maçãs
3 ovos
2 xícaras de chá de açúcar mascavo
1 xícara de chá de óleo
2 xícaras de chá de farinha de trigo integral
1 xícara de chá de aveia em flocos
1 colher de sopa de fermento em pó
1 colher de sopa de canela em pó
Mistura de açúcar demerara com canela



MODO DE PREPARO:

No liquidificador, bater os ovos, o açúcar mascavo, o óleo e as cascas das maçãs.

Numa tigela, misturar a farinha, a aveia, o fermento e a mistura do liquidificador. Juntar à massa as maçãs picadas e a canela.

Colocar a massa em uma assadeira (com furo no meio ou retangular) untada com óleo e farinha integral. Por cima, salpicar a mistura de açúcar demerara com canela. Assar em forno pré-aquecido a 180°C.

Se desejar, colocar na mistura do bolo, juntamente com as maçãs, uvas-passas e castanhas-do-pará.

BOLO DE AMEIXA

INGREDIENTES:

200g de açúcar
200g de manteiga
200g de farinha de trigo
2 ovos
½ colher de café de fermento em pó
20 ameixas sem caroço
1 xícara de chá de vinho do Porto



MODO DE PREPARO:

Cozinhar as ameixas no vinho até amolecer e reservar.

Peneirar a farinha com o fermento e reservar.

Bater, na batedeira, o açúcar com a manteiga e, depois, acrescentar os ovos. Acrescentar a mistura farinha com fermento e, por último, as ameixas levemente trituradas com a sobra do vinho do Porto.

Despejar em forma untada e assar em forno pré-aquecido em temperatura média.

PUDIM DE IOGURTE COM FRUTAS VERMELHAS

INGREDIENTES:

1 colher de sopa de gelatina incolor e sem sabor
1 colher de café de essência de baunilha
3 colheres de sopa de água
3 colheres de sopa de mel
½ xícara de chá de iogurte natural
Calda de morangos, framboesa e amoras



MODO DE PREPARO:

Dissolver a gelatina na água. Em uma panela, misturar o iogurte e o mel e levar ao fogo baixo para aquecer, sem ferver. Retirar a panela do fogo e adicionar a gelatina.

Mexer e deixar esfriar. Bater o creme de leite com essência de baunilha até começar a engrossar. Juntar à mistura de iogurte fria, misturando delicadamente.

Distribuir a mistura em quatro recipientes individuais e deixar na geladeira por cerca de 2 horas.

No momento de servir, regue com a calda de frutas vermelhas ou outra de sua preferência.

MOLHO DE IOGURTE COM GERGELIM

INGREDIENTES:

2 colheres de sopa de gergelim integral branco
1 colher de sopa de tahine (pasta de gergelim)
1 xícara de chá de iogurte
Salsa, cebolinha, coentro, manjeriçã, salsão, alecrim e
azeitonas picadas
Sal à gosto
Caldo de ½ laranja pera
Caldo de ½ limão



MODO DE PREPARO:

Tostar levemente o gergelim e triturar no liquidificador. Acrescentar o restante dos ingredientes e bater por mais alguns instantes.

Este molho é ideal para temperar saladas e para acompanhar massas.

ATIVIDADES PARA AS CRIANÇAS FAZEREM SOZINHAS

Neste tópico encontram-se alguns jogos e atividades para que as crianças, de acordo com cada faixa etária possam brincar.

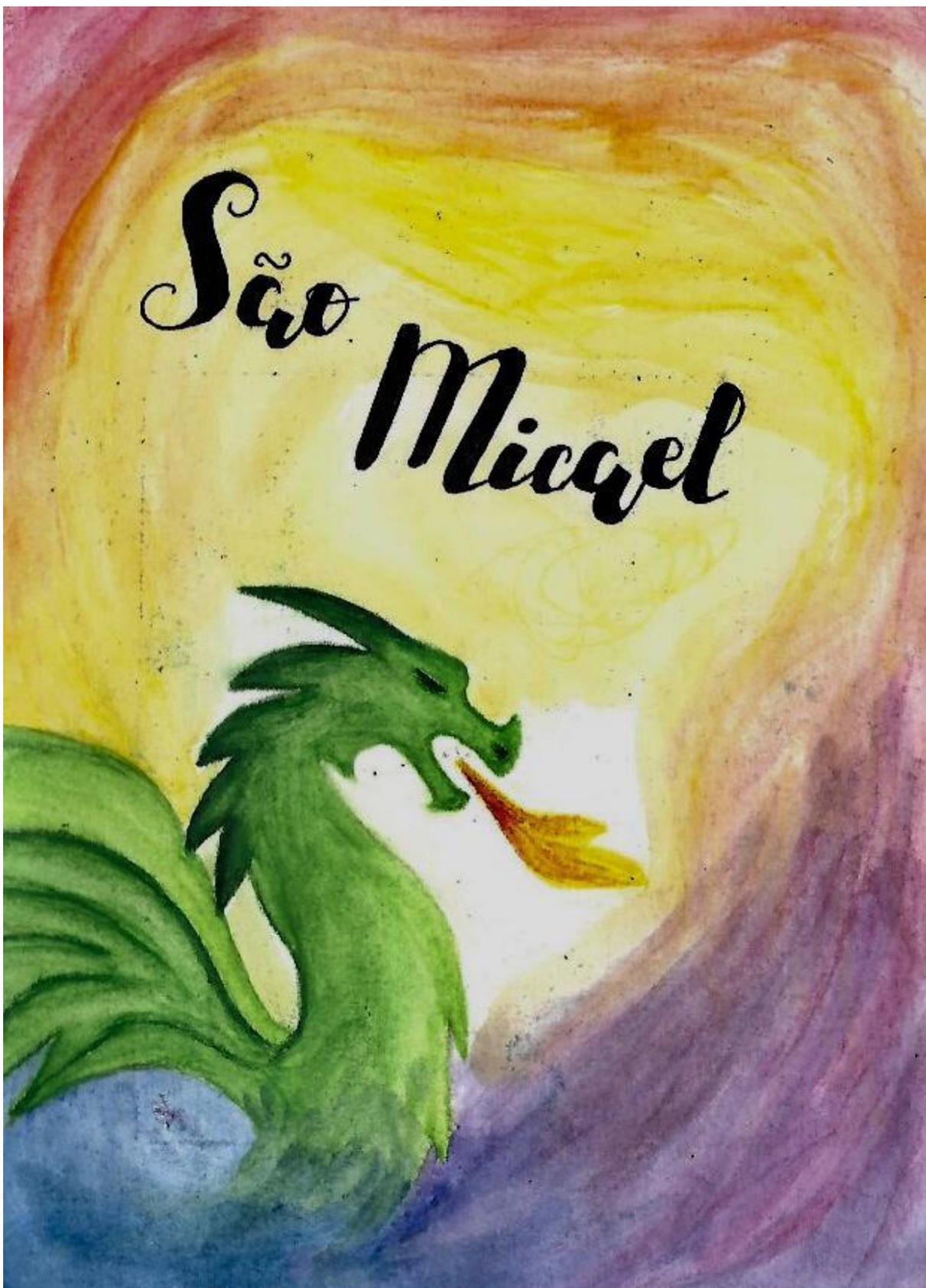
A criação destes jogos e atividades foram propostos para os alunos do ensino fundamental por seus professores.

Sabemos que estamos em uma época em que temos poucos recursos em nossas casas, porém seria interessante que os jogos e atividades pudessem ser impressos para que as crianças possam realizá-los.

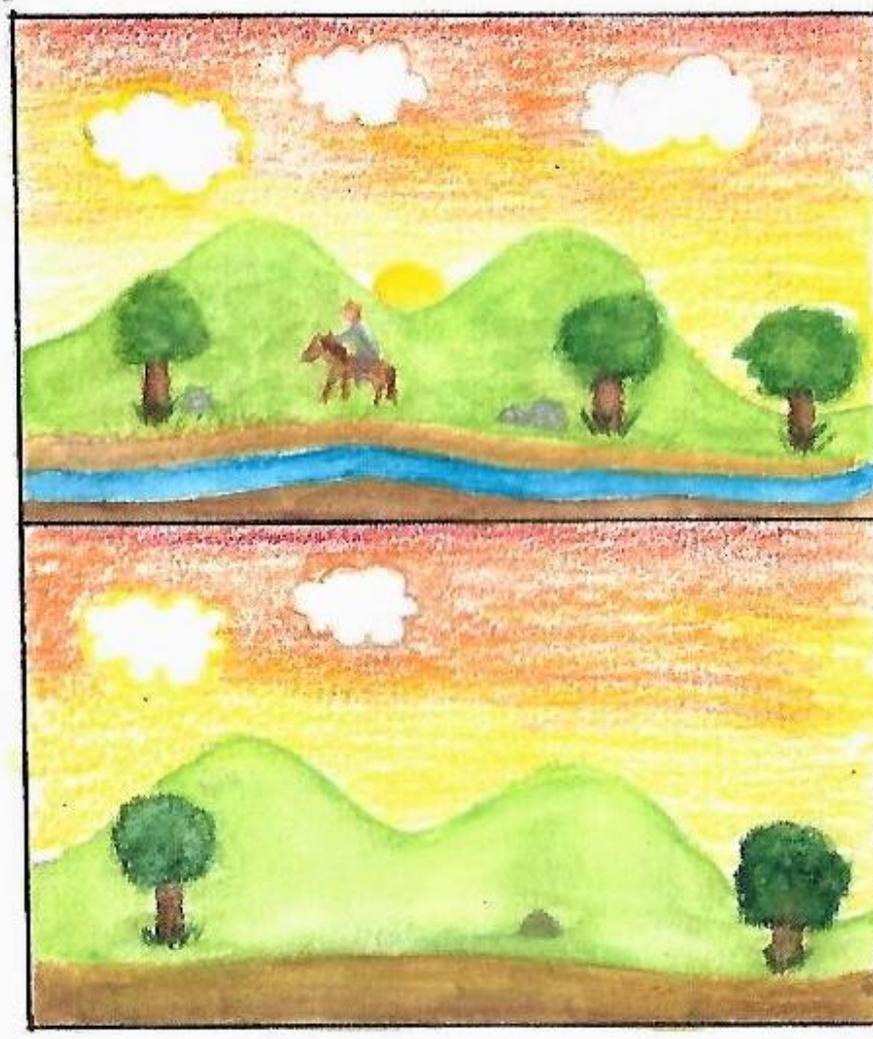
Aqui, como sugestão, encontra-se também um passo-a-passo de uma marionete de dragões para as crianças fazerem sozinhas. A confecção é simples, porém requer o uso de tesoura e agulha e alguma habilidade em pontos básicos de bordado (ponto entra e sai ou caseado), portanto somente deverá realizar esta atividade, sozinhas, as crianças que já dominam estas habilidades.

Esperamos que as crianças se divirtam muito!

ILUSTRAÇÃO – CRIADA POR ISABELA MONTEIRO 8ª

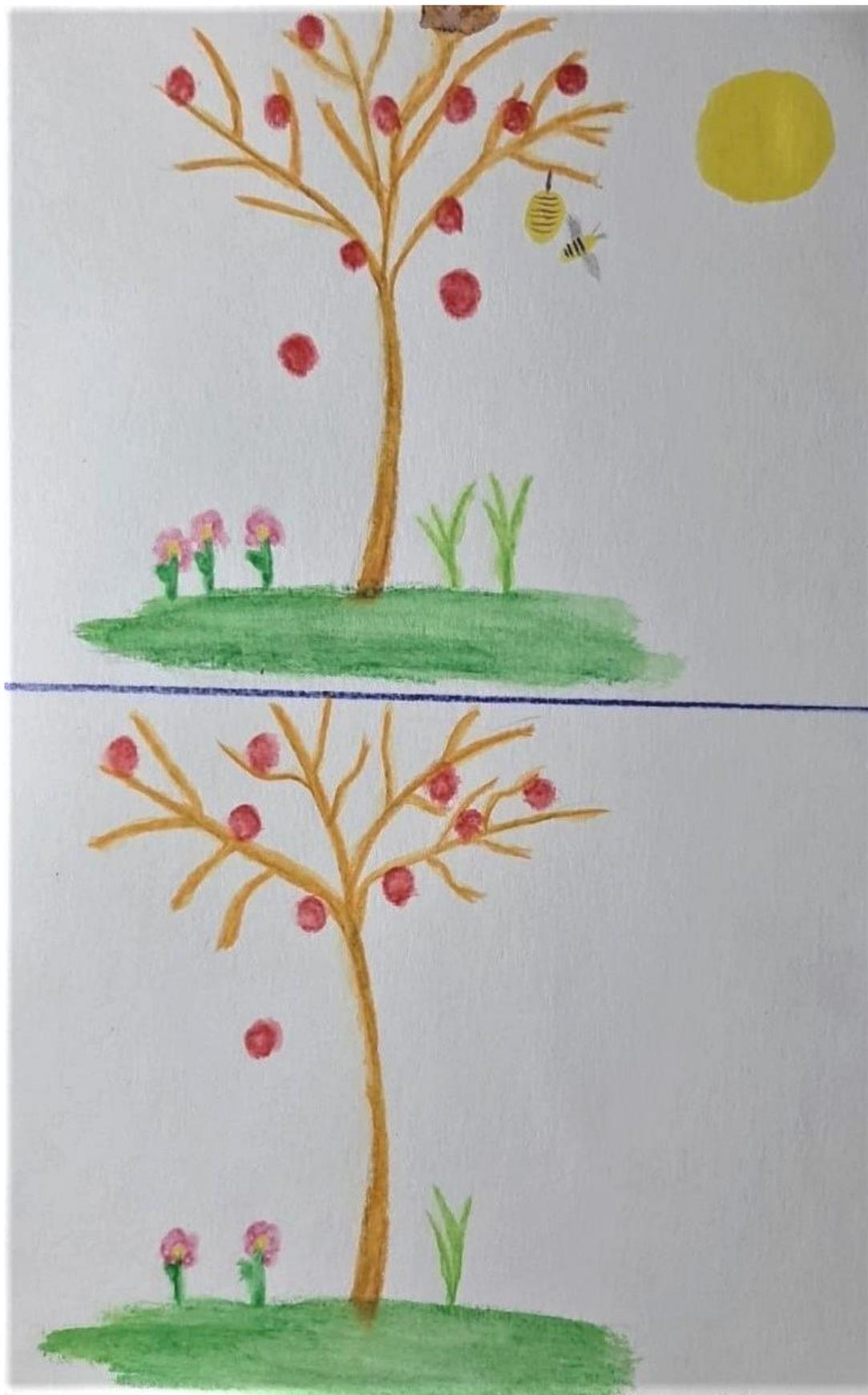


Jogo dos 7 erros



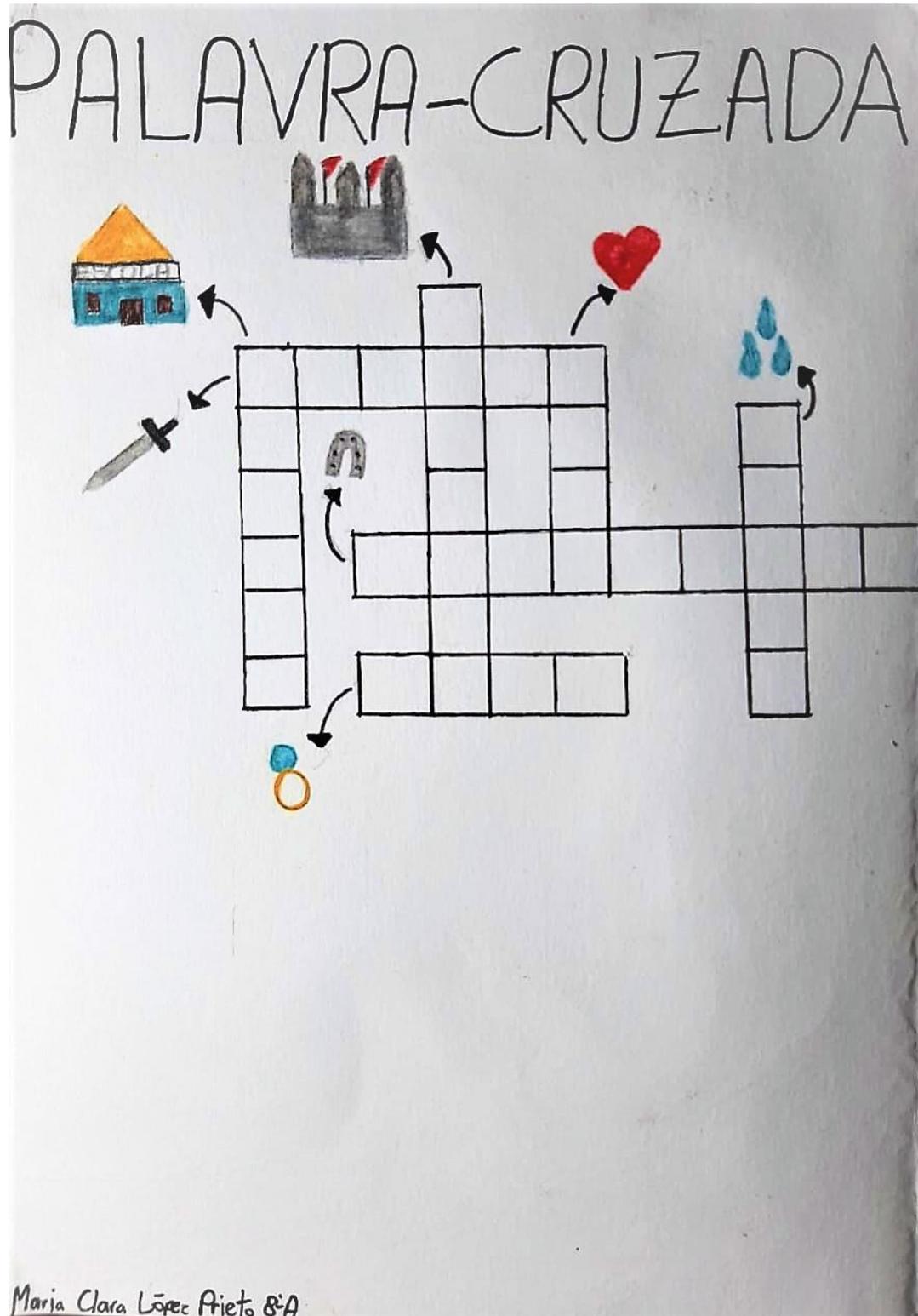
Isabela M. 8ª

JOGO DOS SETE ERROS – CRIADO POR MARIA CLARA LOPES PRIETO 8ª



JOGO DOS SETE ERROS E PALAVRA CRUZADA – CRIADO POR VICTORIA ELIAS DOMIANO 8ª





CAÇA - PALAVRAS

valendo ⁵ na diagonal!

m	d	e	s	p	a	d	a	x
i	w	r	m	f	o	r	ç	a
c	o	r	a	g	e	m	u	v
a	ã	ó	i	g	ç	l	q	t
e	s	p	d	d	ã	a	k	j
l	h	e	r	ó	i	o	n	h

coragem - micael - dragão
espada - herói - força

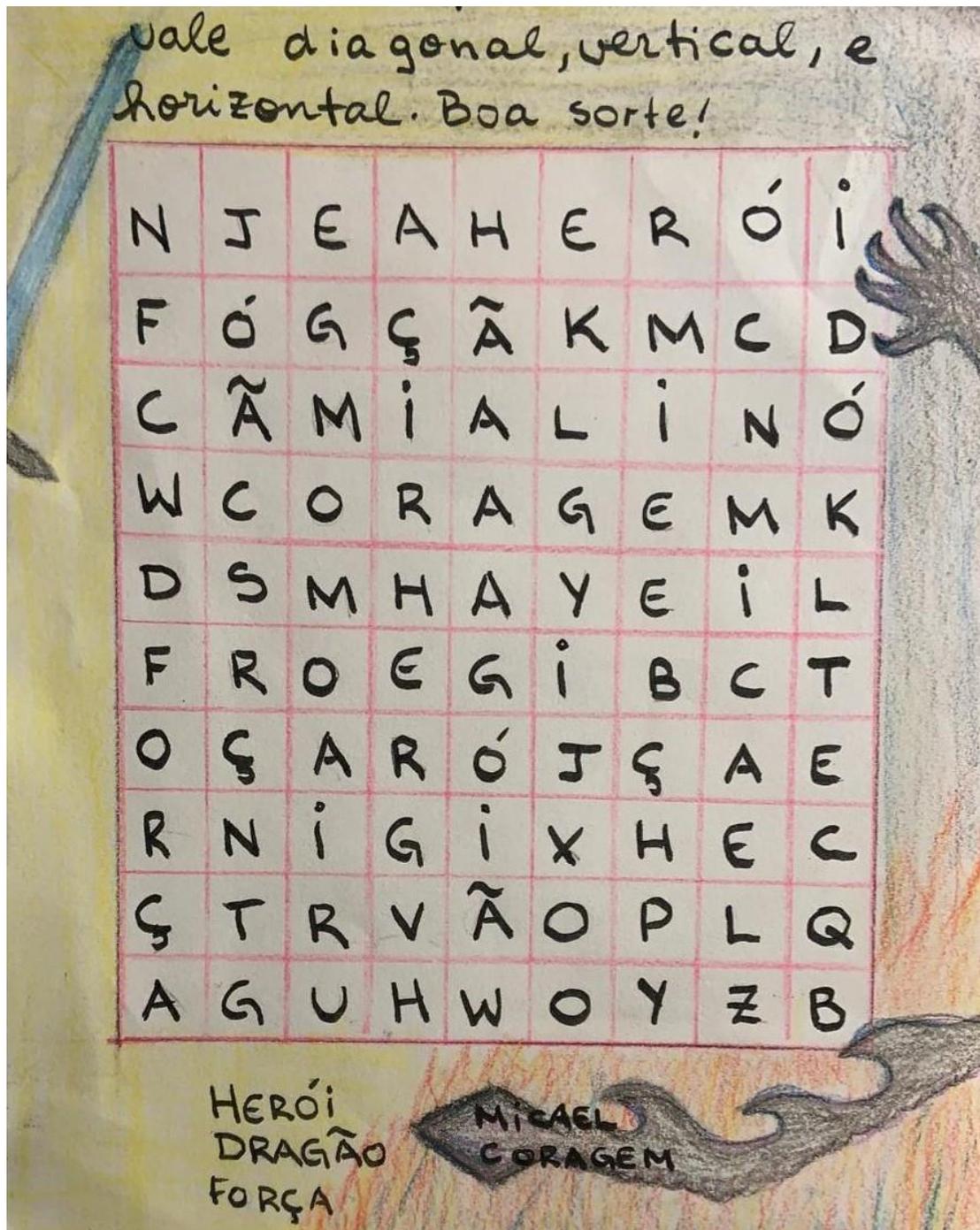
LIGA - PONTOS

ligue os pontos
e pinte!!!

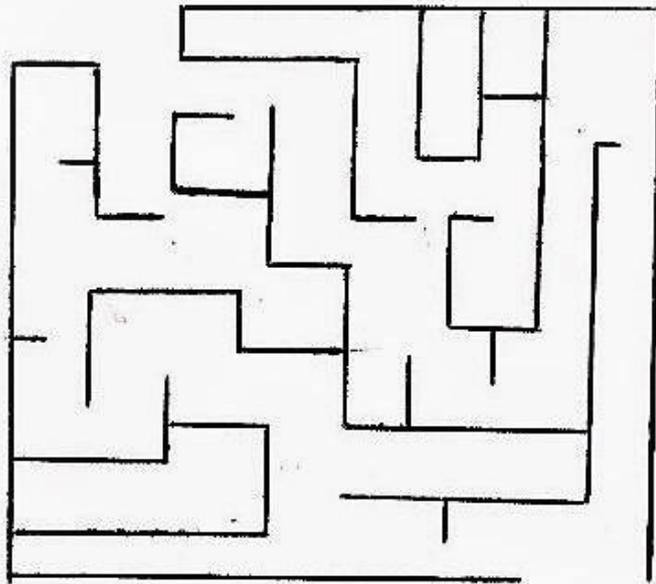


Isabela M.

CAÇA PALAVRAS – CRIADO POR CLARA RITTER 8ª



AJUDE SÃO MICHAEL
A CHEGAR AO DRAGÃO!



CHARADAS



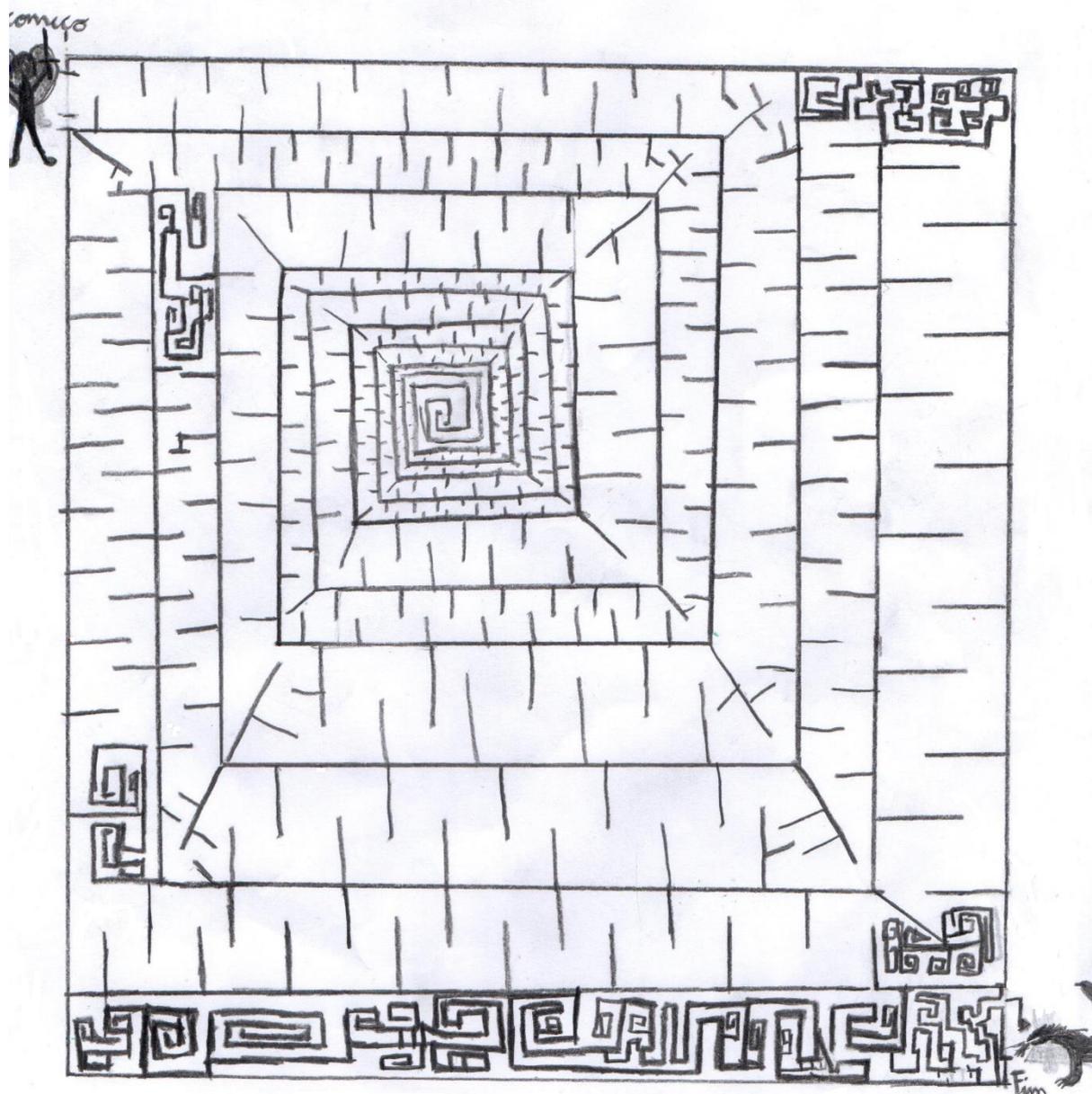
1. O que há no meio do coração?
_____.
2. O que é que cai de pé e corre deitado?
_____.
3. Na água nasci, na água me criei, mas
se me jogarem na água morrerei.
Eu sou o _____.

LABIRINTO – CRIADO POR BEATRIZ BERTELI TIEGHI 8ª



LABIRINTO – CRIADO POR BRUNO P. CABRAL 5ª

Ajude o São Micael a chegar ao dragão



PASSO-A-PASSO PARA CRIAR UMA MARIONETE DE DRAGÃO



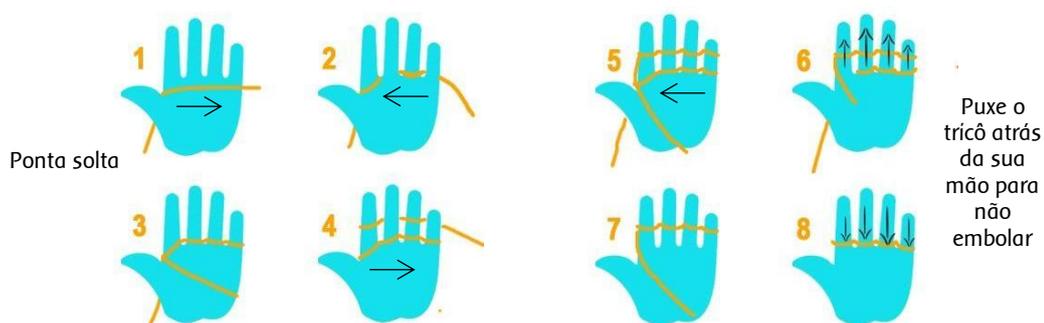
Materiais necessários:

- 02 pedaços de feltro que caiba o corpo e rabo do dragão
- 02 varetas de madeira tipo de churrasco
- Fio de lã para o tricô de dedo
- Linhas para fechar as partes da cabeça e do rabo
- Agulha
- Tesoura

Confecção da marionete:

Com o fio de lã escolhido, fazer um tricô de dedo com comprimento que você queira, lembrando que você esconderá um pedaço de cada ponta dentro do rabo e da cabeça do dragão.

Você sabe fazer tricô de dedo? Se sim, mãos à obra!! Se não sabe ou não lembra, veja abaixo como se faz!



Depois do passo 8, começar novamente o 1, até que seu tricô tenha o tamanho que deseja, faça o arremate.

Tricô de dedo pronto? Muito bem!

Agora, recorte o molde de PAPEL da cabeça, rabo e orelha e risque com uma caneta no feltro que você escolheu. Risque 2 vezes a cabeça, 2 vezes o rabo e 2 vezes a orelha.

Recorte as partes de feltro em cima do risco que você fez com uma tesoura.

Tudo cortadinho? Ótimo!

Agora, pegue a linha escolhida, coloque na agulha e vamos costurar!

Junte as duas partes do corpo e costure com ponto entra e sai ou ponto caseado. Nas partes pontudas do dragão é melhor fazer o ponto entra e sai. No restante do dragão, você pode costurar com ponto caseado ou entra e sai. Mas lembre-se de deixar a parte de baixo aberta para colocar o tricô de dedo.

Faça a mesma coisa com as partes do rabo. Junte as duas partes e costure com ponto entra e sai ou ponto caseado. Lembre-se de deixar a parte de baixo aberta para colocar o tricô de dedo.

Lindo! Agora coloque uma ponta do tricô de dedo dentro do rabo e prenda com um ponto, que vai de um lado a outro do feltro. Faça a mesma coisa com o corpo.

Vamos preparar as orelhas? Para que ela fique reta, junte as duas pontinhas da base e dê um ponto, depois costure uma orelha em cada lado da cabeça do dragão. Faça os olhos e coloque as varetas de madeira ao lado do tricô de dedo dentro do rabo e do corpo. Use a sua criatividade para enfeitar o seu dragão!

Maravilha!! Vamos fazer um lindo teatrinho?

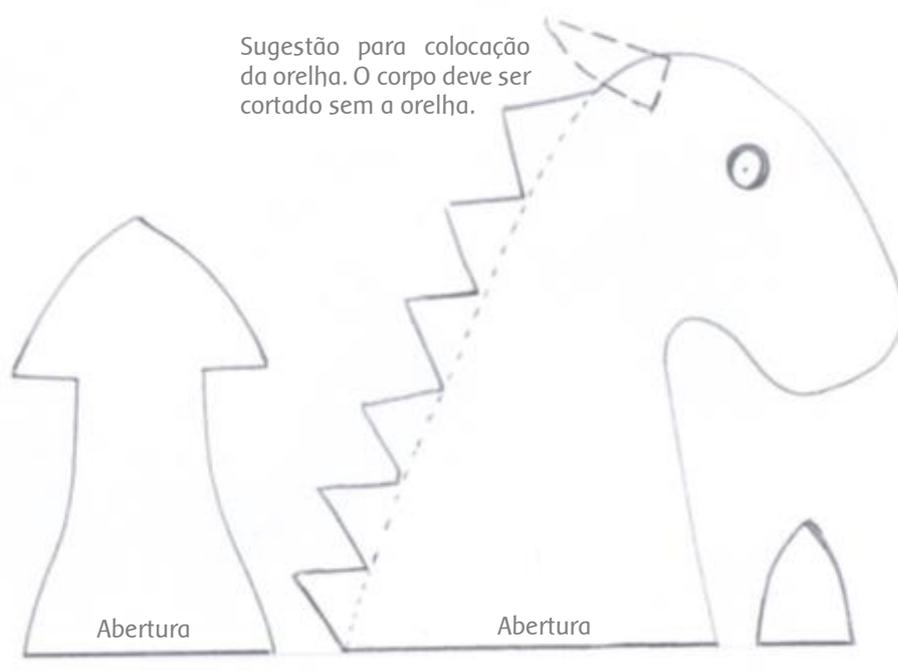


ILUSTRAÇÃO - CRIADA POR VICTORIA ELIAS DOMIANO 8ª

